



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MANOELA SOARES GOMES FIQUEIREDO

**DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) À UNIVERSIDADE:
TRAJETÓRIAS SOCIAIS E ACADÊMICAS DE EGRESSAS DA EJA EM
AMARGOSA**

Amargosa/BA

2021

MANOELA SOARES GOMES FIQUEIREDO

**DA EJA À UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS SOCIAIS E
ACADÊMICAS DE EGRESSAS DO ENSINO MÉDIO DA EJA EM
AMARGOSA-BAHIA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia, no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eurácia Barreto de Andrade

Amargosa/BA

2021

TERMO DE APROVAÇÃO

MANOELA SOARES GOMES FIQUEIREDO

**DA EJA À UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS SOCIAIS E
ACADÊMICAS DE EGRESSAS DO ENSINO MÉDIO DA EJA EM
AMARGOSA-BAHIA**

Monografia defendida em 29/09/2021, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia, no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Tendo como membros da banca examinadora:

Manoela Soares Gomes Figueiredo

Profa. Dra. Maria Eurácia Barreto de Andrade (Orientadora)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Andreia Barbosa dos Santos

Profa. Dra. Andreia Barbosa dos Santos (Avaliadora)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Erica Bastos da Silva

Profa. Dra. Erica Bastos da Silva (Avaliadora)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Dedico esse trabalho ao meu amado Deus e Senhor. Ao meu companheiro Albertt, o motivo de muitas vezes eu não desistir. Aos meus filhos. À minha mãe, M.^a da Conceição. Ao meu pai, Joselito.

AGRADECIMENTOS

Com todo o meu coração agradeço ao Senhor Jesus Cristo, que é maravilhoso e vive para todo sempre. A Ele o louvor, a honra, a majestade e o poder! Pois, se não fosse a sua mão me sustentando e guiando, não conseguiria concluir este trabalho. Foi Ele quem proveu tudo e sempre proverá. A Deus toda minha fidelidade e amor.

Manifesto aqui minha gratidão também à minha orientadora Profa. Maria Eurácia Barreto de Andrade que me deixa até sem palavras para externar a gratidão que sinto, por seres quem és. Única em afeto, cuidado, carinho, zelo. Parece um anjo. Obrigada, admiro muito você sempre. Agradeço a Deus por eu ter te conhecido.

Às professoras Andreia Barbosa dos Santos e Erica Bastos da Silva por aceitarem fazer parte da minha banca de defesa.

Ao Prof. Dr. Fábio Josué e aos colegas do PIBID - Subprojeto Classe Multisseriadas, por todo aprendizado que tivemos. Evandro, Vanuza, Edilene, Cristina, Dalila, Ely e Jean. Professores Hamilton, Adriana e Ivani.

Turma do Tecelendo, com a Profa. Andreia e Iria, onde passei momentos de interação muito especiais refletindo sobre a EJA.

A todos os professores que passaram pela minha trajetória na Universidade e com certeza marcaram a minha vida. A vocês o meu respeito e a minha admiração.

A toda equipe de colaboradores da UFRB que a torna especial na trajetória de cada discente.

Agradeço com muito amor a Albertt, meu esposo e companheiro de muitas batalhas, o qual em toda a minha trajetória acadêmica foi indispensável. Seu apoio psicológico, emocional e sua dedicação incondicional a mim e aos nossos filhos. Amo você meu marido tão carinhoso.

Aos meus filhos que são o motivo de eu desejar e planejar um futuro mais feliz.

Agradeço aos meus pais Sr. Joselito e Sr.^a Maria da Conceição por terem lutado para nos dar o sustento e pelos ensinamentos que são, até hoje, o apoio necessário para mim.

À minha irmã Jamylle, ao meu irmão Rodrigo, amo muito vocês!

Aos irmãos da Igreja Internacional da Graça de Deus em Amargosa-BA, pois são meus amigos de longa data, que oram por mim e me dão sempre palavras de incentivo e muito carinho. Em especial, ao Pastor Eduardo por ser um exemplo de fé, dedicação e persistência.

Às minhas amigas que sempre ouvem meus desabafos (risos) com muita paciência e me aconselham com muito amor: Eliene Ferreira, Ornélia Lemos, Edilene Nascimento, Luciane

Figueiredo. Vocês são o apoio que Deus me deu, irmãs que amo. Obrigada queridas. Amo vocês!

Minha gratidão também a todos os colegas da turma 2013.2 sentirei sempre saudade de todos os momentos com vocês.

Por fim, sou grata a todos que pude ter contato em algum momento e que contribuíram para a realização deste grande sonho. Gratidão sem medida!

RESUMO

A presente monografia, intitulada *Da EJA à Universidade: trajetórias sociais e acadêmicas de egressas do ensino médio da EJA em Amargosa/BA*, se propõe, a partir da escuta das estudantes, egressas do ensino médio da EJA, que ingressaram no ensino superior do CFP/UFRB, a perceber quais os principais desafios que estas estudantes vivenciaram neste percurso e as experiências a partir desta inserção. De modo geral, esta pesquisa busca compreender até que ponto as trajetórias sociais/acadêmicas de egressos/as do ensino médio da EJA influenciaram na inserção ao Ensino superior. Para estruturação deste estudo, utilizou-se da metodologia de abordagem qualitativa, lançando mão do estudo de caso, fazendo uso de questionário aberto, para produção dos dados junto aos sujeitos da pesquisa, compostas por três estudantes egressas do ensino médio e estudantes da UFRB. Este trabalho respalda-se teoricamente em autores consabidos da área, a saber: Mario Almeida Neto (2003), Alda Judith Alves Mazzotti (2006), Miguel Gonzalez Arroyo (2007), Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca (2007), Paulo Freire (1987, 2006, 1996, 2010, 2001), Márcio Luiz Bernardim (2006), Norman Kent Denzin (1994) Maria Laura Puglise Barbosa Franco (2005), Sérgio Haddad e Maria Clara Di Pierro (2000) Carolina Maria de Jesus (1960), entre outros que contribuem significativamente nas reflexões sobre a temática. Com base no diálogo dos autores, das referências que foram consultadas, através dos estudos analisados, pode-se concluir nesta pesquisa que mesmo sendo desfavorável a trajetória de vida escolar das estudantes egressas da Educação de Jovens e Adultos, marcada por começo e recomeço em diferentes momentos de sua escolarização, foi possível, com oferta de políticas públicas de expansão e interiorização Universitária, chegar à Universidade, realizando o sonho de cursar o ensino superior e sonhar com melhores condições profissionais e de vida. As narrativas dessas estudantes revelam muitos desafios na sua jornada escolar e acadêmica, mas sobretudo de superação e de conquista de seus objetivos. Esta pesquisa sugere e possibilita a continuidade de novas investigações concernentes à temática em pauta.

Palavras-chave: EJA. Trajetória. Universidade. Estudantes.

LISTA DE ABREVIATURAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
Mobral	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PNA	Política Nacional de Alfabetização
PNAC	Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania
PNE	Plano Nacional de Educação
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
PROUNI	Programa Universidade para Todos
TOPA	Todos pela Alfabetização

SUMÁRIO

MINHA EXPERIÊNCIA COM A EJA: O NASCER DA PESQUISA	10
INTRODUÇÃO	15
I. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO.....	20
1.1. UM PASSEIO PELA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: SURGIMENTO E BASE HISTÓRICA.	20
II. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DAS TRAJETÓRIAS SOCIAIS À INSSERÇÃO NA UNIVERSIDADE.	25
2.1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E TRAJETÓRIAS SOCIAIS DOS ESTUDANTES INSERIDOS: SUJEITOS E CONTEXTOS.....	26
2.2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O ACESSO À UNIVERSIDADE: PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES.....	30
III. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	33
3.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	33
3.2. CARATERIZAÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	35
IV. DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS À UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS, CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS.....	39
4.1. TRAJETÓRIAS SOCIAIS DE EGRESSAS DA EJA INSERIDAS NO ENSINO SUPERIOR.....	39
4.2. A EJA E POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES AO ACESSO À UNIVERSIDADE. ...	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE 1. TERMO DE CONSENTIMENTO.....	58
APÊNDICE 2. ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	59

MINHA EXPERIÊNCIA COM A EJA: O NASCER DA PESQUISA

Enquanto seres racionais, temos a capacidade de examinar a causa das nossas próprias concepções, ideias e teorias acerca de tudo o que nos cerca, bem como o conhecimento da nossa própria identidade, e isto favorece a reflexão acerca de nós mesmos. Lembremos aqui da sentença localizada no templo de Delfos, e apropriada por Sócrates, a saber: “Conhece-te a ti mesmo”, que em seu pensamento significa a consciência de si para organizar a própria vida. Desta forma, destaco um pouco sobre mim, bem como sobre minha trajetória no ensino da EJA¹.

Sou a filha do meio, tendo um irmão mais velho e uma irmã caçula. Minha mãe Conceição, inicialmente doméstica com estudo somente até a 5º série (atualmente corresponde ao 6º Ano do Ensino Fundamental), entretanto, aprovada em concurso público do Estado e meu pai, chamado Joselito, sendo caminhoneiro com estudo até a 3ª série (atualmente corresponde ao 4º Ano do Ensino Fundamental).

Nasci em 1985, criada na cidade de Amargosa/BA. Tivemos uma vida simples e desde a Educação Infantil estudamos em escolas da rede pública. A minha mãe, sempre nos dizia que estudar era algo que não poderia ser deixado de lado. Ainda me lembro de seus alertas: “Filha, sem estudo a vida fica muito difícil”; e com esses conselhos eu refletia sobre a escola, a qual, até então, não me motivava.

Talvez por ser tímida, eu tinha medo do ambiente escolar. Hoje compreendo que naquela época a escola demonstrava autoritarismo, soberania, fatores que interferiam no meu desenvolvimento quanto a interação social.

Como é sabido, a escola não deve ser um lugar de caráter repressor, bem como, um ambiente utilizado para transmitir apenas conteúdos, mas um lugar socializador de conhecimentos, de forma a promover o desenvolvimento do indivíduo, de maneira a atuar na formação, não só intelectual como também moralmente.

Assim, segui os estudos nas escolas públicas em Amargosa, tendo aulas com professoras de perfis diferentes, todas mulheres, algumas mais atenciosas e cuidadoras, outras mais autoritárias e reservadas, e adquirindo, nesta trajetória, descobertas e ampliação de saber.

¹ EJA refere-se Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade da Educação Básica para atender aos que não tiveram possibilidade de cursar os estudos básicos de forma linear. Neste trabalho, optou-se em manter o nome da modalidade conforme documentos normativos e curriculares, no entanto, destaca-se a defesa da inserção dos idosos na modalidade por compreender que estes têm garantido o direito de ocuparem os espaços educativos.

Por causa do trabalho no turno diurno, optei por continuar meus estudos à noite ingressando na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no ano de 2002, no Colégio Estadual Pedro Calmon em Amargosa/BA. Os professores dessa modalidade, aconselhavam-me a estudar. As palavras eram de muito incentivo e motivação.

Não posso deixar de compartilhar que a leitura de livros evangélicos e principalmente a Bíblia, fizeram nascer em mim o prazer pela leitura. Ler na escola era somente por obrigação, mas, a partir do momento em que me identifiquei com as leituras bíblicas, fui despertada por um prazer inexplicável e principalmente com o mestre que considero o melhor de todos:

Com Jesus, as coisas caminhavam de modo mui diferente. Ele nunca ensinava somente pelo fato de ser chamado a ensinar. Ele sempre tinha um propósito e fins definidos a atingir. Sabia muito bem o que queria, e caminhava nesse sentido. Sabia para onde ia e de maneira firme caminhava para a consecução do seu objetivo sem olhar para oposições ou derrotas. (PRICE, 1980, p.28)

No ensino da EJA, tive professores com mais empatia que permitiam aos alunos relatar suas histórias diante dos conteúdos abordados, os quais eram relacionados geralmente com a vivência de cada indivíduo, conduta importante que segundo Freire traduz:

[...] uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa presidir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p. 9)

Na EJA convivi com jovens trabalhadores e idosos, a maioria excluídos do ensino regular e que buscavam oportunidades para obter o diploma. Esses estudantes da modalidade EJA buscavam apenas uma educação a se formar no trabalho. Isso porque muitas vezes cobram de nós um diploma para nos classificar socialmente e profissionalmente.

Consoante a esta reflexão, lembrava-me do que meus pais, principalmente minha mãe, diziam-me: *“filha você precisa trabalhar de carteira assinada”*. Meus pais sempre asseveravam que era muito importante ter um emprego formal.

Os adolescentes, jovens, adultos trabalhadores que vem do trabalho para educação não carregam apenas valores, saberes, identidades, de suas vivências pessoais de lutas por trabalho. Desde criança são herdeiros dos valores, da consciência, das identidades de classe trabalhadora. Das famílias trabalhadoras. Do pai trabalhador e da mãe trabalhadora que lhes passaram os valores do trabalho, de lutas por direitos. (ARROYO, 2017, p.5)

Percebo hoje que às vezes nossos planos são adiados por acontecimentos que tornam esse caminho mais difícil de percorrer, principalmente pelos alunos da EJA, uma vez que os desafios não são poucos. O cansaço, devido a uma jornada longa de trabalho, a diferenças de idades entre os colegas, equacionando dificuldades para boas relações e, ainda, a questão do analfabetismo e dificuldades para adquirir habilidades necessárias para o desenvolvimento estudantil, são fatores expostos que favorecem muito a desistência dos estudos.

Quando tive meu primeiro filho estava cursando o 3º ano do ensino médio. Embora esta realidade tenha mudado a minha vida, minha rotina e condições financeiras, fez nascer em mim, também, um desejo enorme de trabalhar para dar o “melhor” para ele.

Nessa época, mesmo sabendo a importância de concluir o ensino médio, eu pensava: O que fazer diante de uma situação desfavorável socialmente, financeiramente e psicologicamente? Encontrava-me em um momento tão vulnerável e questionava: como sonhar diante de tantos obstáculos? A opção foi adiar os estudos por um tempo.

Após alguns anos retornei à escola, mas não tinha mais coragem, sentia-me culpada por ter que sair e deixar meu filho em casa, já que trabalhava durante o dia.

Neste sentido, as mulheres que estudam na EJA, em sua maioria estão inseridas no mercado de trabalho e precisam conciliar emprego e estudos, na busca por qualificação profissional que implique em melhorias para si e seus dependentes. (DIAS, 2016, p.455)

Foi nesse momento que por incentivo da família, de professores e amigos tomei a decisão de fazer o ENEM e ingressar no curso de Pedagogia da Universidade, pois era o que desejava. Desde muito nova eu queria ser professora.

É importante ressaltar que neste percurso conheci pessoas (professores, colegas da EJA, colegas de profissão) que ajudaram a compreender que é possível continuar estudando mesmo diante das desigualdades econômicas e principalmente sociais.

Ser uma mulher em nossa sociedade já é um desafio grande, imagine estudar e trabalhar fora e cuidar dos filhos, mantendo ou tentando manter o equilíbrio diante dos problemas e das dificuldades? Nesses espaços escolares encontramos algumas pessoas que nos motivam a seguir adiante, apesar de ser a escola um espaço que não nos apropriamos. Hoje olho para mulheres que fizeram história, como Carolina Maria de Jesus² exemplo de mulher trabalhadora

² Carolina de Jesus foi uma das primeiras escritoras negras do Brasil e é considerada uma das mais importantes escritoras do país. A autora viveu boa parte de sua vida na favela do Canindé, na Zona Norte de São Paulo, sustentando a si mesma e seus três filhos como catadora de papéis. Em 1958, tem seu diário publicado sob o nome *Quarto de Despejo*, com auxílio do jornalista Audálio Dantas. O livro fez um enorme sucesso e chegou a ser traduzido para catorze línguas. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carolina_Maria_de_Jesus.

que da sua experiência escreveu relatos que nos mostram que as dificuldades podem nos levar além da rotina diária e de problemas que vivenciamos em diversos espaços: “Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter” (JESUS, 1960. p.13).

Carolina via também em seus filhos uma motivação para continuar sua vivência, lutar e não desistir diante de tantas decepções, frustrações, medos. Ela relatou: “A Vera despertou e cantou. E convidou-me para cantar. Cantamos. O João e o José Carlos tomaram parte” (JESUS, 1960, p.33).

Numa sociedade cercada de desigualdade, exercer o papel de mãe e suprir a necessidade da casa exige muito de nós, mas as pessoas que nós amamos demonstram em seus olhares e gestos (principalmente os filhos) que vai valer a pena: “O José Carlos estava chorando. Quando ouviu a minha voz ficou alegre. Percebi o seu contentamento. Olhou-me. E foi o olhar mais temo que eu já recebi até hoje” (JESUS, 1960, p.33).

Assim, em 2012 consegui entrar na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). E, em 2013 iniciei o tão sonhado curso de Pedagogia. Era um grande desejo sendo materializado, conforme anuncia Dias (2016).

Assim, considera-se que as mulheres, [...] almejam a chegar à educação superior com a perspectiva de melhorar suas condições materiais de vida, passando a valorizar cada vez mais a universidade como meio de inclusão e ascensão social. (DIAS, 2016, p. 458 – grifo nosso)

Corroborando com esta ideia. De fato, a educação é relevante para desenvolver conhecimentos, algo imprescindível para conquistarmos nossos objetivos, espaços e sonhos. O espaço da Universidade é, sem dúvida, um lugar marcado por muitos conflitos, e não seria diferente para uma aluna egressa da EJA. Estar no espaço universitário, por um lado, me trouxe um sentimento de conquista indizível no primeiro momento. Percebi-me alguém com a oportunidade que muitos não têm, pois sou da classe trabalhadora. Mas, por outro lado, compreendi que teria muitas dificuldades para enfrentar.

Um dos maiores desafios é a ausência de um ensino preliminar para esse momento árduo, tais como a dificuldade com a escrita e a interpretação de textos – pelo menos foram algumas das que mais notei. Já em relação ao olhar dos professores e dos colegas, no que diz respeito ao fato de ser egressa da EJA, não posso afirmar que não fui acolhida no CFP. Mas a Educação Superior não foi planejada para o público trabalhador. Como sabemos, a elite era quem obtinha esse acesso e, desta forma, as classes populares se mantinham distante desses espaços formativos.

A descontinuidade na minha escolarização me trouxe prejuízos que vão além do tempo de formação. No espaço acadêmico, para obter suporte na escrita, entre outras necessidades que vão surgindo ao longo dessa trajetória, sempre recorria aos professores e realizava pesquisas. Mesmo com todos esses embates posso afirmar que a Educação Superior proporcionou um sentimento de conquista não somente para mim, mas para a minha família, realizando o sonho dos meus pais com um diploma no Ensino Superior. Isso, com certeza, me enche de felicidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce de uma pesquisa das trajetórias sociais e acadêmicas de estudantes egressas do ensino médio da Educação de Jovens e Adultos. A investigação busca compreender como essas egressas trilharam esse percurso no processo de escolarização que culminou na sua inserção na universidade. A mobilização para esta temática tem grande implicação com a minha trajetória de vida e escolarização – conforme abordadas acima – e será de grande contribuição para melhor compreender, problematizar e analisar as trajetórias sociais e acadêmicas das estudantes investigadas, egressas do Ensino Médio da EJA, e a sua caminhada até à Universidade.

Nesse sentido, este trabalho, como requisito parcial de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), não poderia trazer outra abordagem, dada toda trajetória percorrida nos caminhos da EJA à Universidade a partir da minha própria experiência, além das trilhas percorridas por outras mulheres que assim como eu também mergulharam neste processo tão desafiador.

Sabe-se que inúmeros desafios tiveram que ser superados desde o momento em que essas estudantes da EJA retomaram seus estudos, uma vez que precisaram organizar seu tempo, sua rotina, entre outras demandas que fazem parte desse percurso de escolarização. Muitas delas são mães, donas de casa, trabalham fora de casa, e nesse labor da vida sentem-se encorajadas a concluir o ensino médio e ir em busca do ensino superior.

A temática desta pesquisa surgiu na minha formação docente e possibilita muitas reflexões, uma vez que, diante de todas as implicações, as pesquisas no âmbito da EJA são um campo de grande interesse. Na vida pessoal posso afirmar que esse contato com a EJA, em um trabalho dessa dimensão, traz ânimo e razões muito subjetivas que me inserem numa busca de aprofundar meus conhecimentos que circundam o objeto de estudo em questão. Não é somente dissertar sobre esta temática, mas compreender o processo de escolarização dessas estudantes egressas, suas trajetórias pessoais, sociais e acadêmicas.

No que tange à questão profissional, esta pesquisa abre muitas possibilidades para que os docentes da modalidade se engajem em buscar novos estudos acerca do assunto, colabore, incentive e produza conhecimento que lhe dê subsídios para tecer reflexões relevantes que circundam esse trabalho de pesquisa.

Este estudo mostra a quem foi excluído do ensino considerado “regular” e sonha ingressar no ensino superior, que é possível enfrentar os obstáculos e as impossibilidades, assim como essas mulheres egressas que diante de tantos desafios ao longo das suas trajetórias,

desconstruíram paradigmas estabelecidos na sociedade. Evidencia, também, a necessidade da luta e da resistência para que tantas outras mulheres egressas da EJA possam acessar o espaço acadêmico de forma menos desafiadora e sofrida.

Vale ressaltar que a EJA tem seus desafios históricos marcados por muita exclusão. Por conta disso, a visão que se tem dessa modalidade e de seus sujeitos, muitos com histórico escolar de reprovação, uma educação que pode ser ofertada de qualquer jeito, sem a garantia dos direitos básicos e isso acaba promovendo um número significativo de evasão pela falta de condições de permanência, dada todas as especificidades do público composto por trabalhadores estudantes.

A EJA é um campo político e está vinculada à educação das camadas mais pobres da população que tenta superar a exclusão vivida ao longo da história. É fundamental perceber as pessoas da EJA como portadoras de direito a um ensino de qualidade. Pessoas que já enfrentaram problemas de preconceito e exclusão durante toda a trajetória. E, apesar de tudo isso, esta modalidade ainda é ofertada de forma muitas vezes compensatória, deixando lacunas e carecendo de políticas públicas efetivas.

É perceptível a falta de atenção que o público da EJA enfrenta cotidianamente, sendo que seu quantitativo é significativo no que se refere as camadas populares que dependem de um suporte para frequentar os bancos da escola. Diante deste contexto, este é um tema que não pode ser deixado de lado, mas sim, merece ser aquecido, debatido e problematizado no intuito de fortalecer as ações, os currículos e as políticas públicas.

Sabe-se que no Brasil existem milhões de pessoas sem acesso à Educação ou que recebeu uma escolarização muito fragmentada, que influencia diretamente nos altos índices de analfabetismo, que tem raízes históricas. Para Paulo Freire o analfabetismo tem diversas interpretações equivocadas, conforme anuncia:

A concepção, na melhor das hipóteses, ingênua do analfabetismo o encara ora como uma “erva daninha” – daí a expressão corrente: “erradicação do analfabetismo” –, ora como uma “enfermidade” que passa de um a outro, quase por contágio, ora como uma “chaga” deprimente a ser “curada” e cujos índices, estampados nas estatísticas de organismos internacionais, dizem mal dos níveis de “civilização” de certas sociedades. Mais ainda, o analfabetismo aparece também, nesta visão ingênua ou astuta, como a manifestação da “incapacidade” do povo, de sua “pouca inteligência”, de sua “proverbal preguiça”. (FREIRE, 2001, p.15)

Para o autor, esses termos assumem concepções distorcidas atribuídas ao analfabetismo, e que na verdade parte de uma realidade social injusta imposta a população. Quando analisamos os dados sobre os índices de analfabetismo no país, apresenta uma realidade nada

animadora. A Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD 2016/2019, e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, órgão que constitui o principal provedor de dados e informações do País, apresentam os seguintes índices²:

No Brasil, em 2019, havia 11 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade analfabetas, o equivalente a uma taxa de analfabetismo de 6,6%. Dessas pessoas, 56,2% (6,2 milhões de pessoas) viviam na Região Nordeste e 21,7% (2,4 milhões de pessoas) na Região Sudeste. Em relação a 2018, houve uma redução de 0,2 pontos percentuais (pp) no número de analfabetos do País, o que corresponde a uma queda de pouco mais de 200 mil analfabetos em 2019.

Analisando esses dados percebe-se que ainda é preocupante a taxa de analfabetismo no Brasil, e **de forma predominante na região Nordeste**, que carece de muitos investimentos na educação, tanto do ponto de vista da inclusão como da permanência. Também, outros fatores como saúde, emprego, e condições sanitárias, que influenciam na qualidade de vida das pessoas, carecem mais de atenção.

As camadas sociais da população que geralmente não têm acesso à educação de qualidade é composta por pessoas das camadas mais pobres, sendo elas negras, pardas, indígenas, dentre outras. Existe, portanto, um público com muitas vulnerabilidades sociais, ficando assim explícito o desinteresse do Estado em criar políticas para moderar essa situação. Diante de todas essas problemáticas que permeiam a EJA percebemos o quão difícil é para um egresso adentrar na Universidade.

Diante do contexto apresentado, o problema que mobilizou a pesquisa foi pautado na questão das trajetórias sociais/acadêmicas de estudantes egressas do ensino médio da EJA a ingressarem-se no Ensino superior. Diante da questão central que moveu a investigação, tem-se como o objetivo geral neste trabalho compreender até que ponto as trajetórias sociais/acadêmicas de egressos/as do ensino médio da EJA influenciaram na inserção ao Ensino superior. A seguir foram delimitados os objetivos específicos de compreender a trajetória da EJA no Brasil e seus avanços e retrocessos ao longo da história, de verificar as trajetórias sociais de estudantes egressas da EJA que estão no Ensino superior e, por fim, de averiguar até que ponto a modalidade da EJA contribuiu na busca e no acesso à Universidade.

Para tanto, as principais referências priorizadas neste trabalho no intuito de melhor compreender, refletir e aprofundar a temática em pauta foram: a obra de Haddad e Di Pierro

³ Cf. HADDAD, S.; DI PIERRO, C. Maria. **Escolarização de Jovens e Adultos**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07>> Acesso em: 18 set. 2020.

(2000), que contribuiu sobretudo com reflexões históricas acerca da EJA, fazendo análises desde o Brasil do período colonial perpassando outros períodos da educação brasileira. Também, os estudos de Arroyo (2007) ajudaram a compreender o perfil dos jovens e adultos, sua escolarização, sua ocupação no mercado de trabalho e a condição social desse público. Ainda neste trabalho teve a contribuição dos estudos de Paulo Freire (1921), que com sua concepção crítica da educação, forneceu reflexões valiosas para a tessitura desta temática. Por fim, os estudos de André (2005), entre outros autores, colaboraram para tecer a construção da metodologia desta pesquisa.

Metodologicamente a pesquisa se constitui como de abordagem qualitativa, apoiada na pesquisa de campo, tendo como instrumento de produção de dados que emanam da realidade empírica, o questionário aberto. E como tipo de pesquisa optamos pelo estudo de caso, ancorado nas concepções de autores como Yin (2001) e Godoy (1995). Para análise dos dados produzidos, optamos pelo ensaio da Análise do Conteúdo, com a contribuição de autores como Bardin (1977) e Franco (2005).

Este trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo abordamos o contexto geral da Educação de Jovens e Adultos, surgimento, percurso histórico no Brasil, as conferências e a base história que permeia o processo de escolarização dessas estudantes. Discutimos também a modalidade no âmbito da realidade de Amargosa/BA que emerge esta pesquisa.

No capítulo segundo discutimos as questões sociais que envolvem esses jovens e adultos, o percurso na educação até sua inserção no ambiente acadêmico. Sabe-se que durante a passagem da EJA até a Universidade há uma trajetória social cuja compreensão, contexto e perspectiva dessas educandas egressas do ensino médio estão ancorados na luta e na coragem de quererem obter uma profissão.

No terceiro capítulo, é apresentado o caminho metodológico da pesquisa, a abordagem da pesquisa, os sujeitos, o campo, os dados, ou seja, o desenvolvimento e os procedimentos adotados.

O quarto capítulo é dedicado à Análise dos Dados produzidos no campo empírico. É o momento da interlocução entre as teorias estudadas e os dados. Neste momento, duas categorias foram construídas no intuito de atender aos objetivos da pesquisa: trajetórias sociais de estudantes egressas da EJA no Ensino superior e contribuições da EJA no acesso à Universidade.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar novas possibilidades de estudo a cerca desta temática. Os esforços empenhados neste trabalho tendem a apresentar as mais

importantes informações desse objeto de estudo, contemplando os objetivos propostos. Espera-se que esse estudo sirva de referência para uma nova etapa de pesquisa científica e de reflexão para compreendermos outros elementos deste estudo em questão, que é tão caro para nós e urgente na ampliação do debate.

I. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO.

Neste capítulo, faz-se necessário **apresentar** sucintamente uma abordagem histórica sobre o percurso da EJA no Brasil, desde o período colonial até o presente momento, apresentando o trajeto histórico de cada momento da educação brasileira destinada a esse público. Objetivava-se apresentar os programas e as campanhas pensadas para a escolarização dos jovens e adultos. Nessa trajetória histórica, percebe-se momentos de começo e descontinuidade. Inicialmente a alfabetização era destinada a contemplar a demanda de mão de obra, mas o alto índice de analfabetismo nessa população era preocupante e era preciso pensar em demandas mais emergentes para amenizar a situação.

Nos anos de 1940, segundo Haddad e Di Pierro (2000), já com a nomenclatura do nome EJA, a educação de jovens e adultos se tornaria política pública e ampliando a oferta de educação para esse público. No entanto, posteriormente, já no contexto do regime militar, surgiria certa dificuldade de continuidade. Depois do regime militar, no período de redemocratização do país, reacende o debate sobre educação, inclusive para os jovens e adultos, com a nova LDB, 1996 a EJA ganha destaque reafirmado o direito de oferta de ensino a essa população.

1.1. UM PASSEIO PELA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: SURGIMENTO E BASE HISTÓRICA.

A EJA é uma modalidade de ensino que permite ao aluno voltar a estudar, e facultar quem nunca frequentou uma sala de aula a acessar os bancos escolares. É ofertada para indivíduos que geralmente trabalham durante o dia e que não tiveram a oportunidade de iniciar ou de concluir os seus estudos no tempo considerado linear. A educação de jovens e adultos no Brasil tem registro desde o tempo da colonização em que os Jesuítas alfabetizavam os indígenas e as crianças com a intencionalidade de espalhar a fé católica, com isso era feito concomitantemente um trabalho educativo. Assim, verifica-se que o trabalho para contemplar jovens e adultos no processo educativo não é recente. Conforme anunciado por Haddad e Di Pierro (2000)

Já no período colonial os religiosos exerciam sua ação educativa Missionária em grande parte com adultos. Além de difundir o evangelho, pais educadores transmitiam normas de comportamento ensinavam os oficiais ofícios necessários ao funcionamento da economia colonial, inicialmente aos indígenas e, posteriormente, aos escravos negros. Mais tarde, se

encarregaram das escolas de humanidades para os colonizadores e seus filhos. (HADDAD, DI PIERRO, 2000, p.109)

No entanto, apesar destes registros, esta educação vem à falência com a expulsão dos Jesuítas do Brasil no século XVIII.

A primeira constituição do Brasil em 1824 foi a Constituição Política do Império outorgada pelo Imperador Dom Pedro I, em 25 de março de 1824. Nesta, foi definida como direito à educação primária os adultos quando 82% da população acima de cinco anos era composta de pessoas não alfabetizadas. Como destaca Haddad e Di Pierro (2000, p.109) “o direito que nasceu com a norma constitucional de 1824, [...] não passou da intenção legal. Avançou lentamente [...] tem sido interpretada como direito apenas para as crianças”.

Em 1891 o voto era possível para quem sabia ler e escrever. Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p.109) “A nova constituição republicana estabeleceu também a exclusão dos adultos analfabetos³ da participação pelo voto, e isso em um momento em que a maioria da população adulta era iletrada. ” Nesse sentido, um longo período ainda se manteve com a maioria da população não alfabetizada.

Um maior destaque na educação começa em 1934 quando o governo cria o Plano Nacional de Educação (PNE) estabelecendo como dever do Estado o ensino primário integral, gratuito e com frequência obrigatória. Sobre essa época Haddad destaca: “O pouco que foi realizado deveu-se aos esforços de algumas províncias” (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p.109). Na realidade, existia também um interesse por mão de obra para o trabalho, daí a necessidade da escolarização desses indivíduos.

Por volta da década de 1940, a EJA se torna política pública por ter sido criada a campanha nacional de educação de adolescentes e adultos, focada na população que não tinha escolarização, que vivia à margem da sociedade. Para os referidos autores,

Foi somente ao final da década de 1940 que a educação de adultos veio a se firmar como um problema de política nacional, mas as condições para que isso viesse a ocorrer foram sendo e seladas já no período anterior. O Plano Nacional de Educação de responsabilidade da união, previsto pela constituição de 1934, deveria incluir entre suas normas o ensino primário integral gratuito de frequência obrigatória. Esse ensino deveria ser extensivo aos adultos. Pela primeira vez a educação de jovens e adultos era reconhecida e recebia um tratamento particular. (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p.110)

⁴Temos restrições ao termo, por toda carga de preconceito contra o analfabeto. Assim, optamos em utilizar pessoas não alfabetizadas. Às vezes que aparecem são nas citações literais preservando a escrita do autor.

O Brasil nessa época passava do momento econômico rural para o modelo mais industrial, daí a necessidade de mão de obra qualificada, alfabetizada. Nesse momento, é criado então o Fundo Nacional de Ensino Primário, pelo Professor Anísio Teixeira (FNEP) (BISCINELLA, 2016). Desta forma,

Os esforços empreendidos durante as décadas de 1940 e 1950 fizeram cair os índices de analfabetismo das pessoas acima de cinco anos de idade para 46,7% no ano de 1960. Os níveis de escolarização da população brasileira permaneciam, no entanto, em patamares reduzidos quanto comparadas a média dos países do primeiro mundo e mesmo de vários de vizinhos Latino-americanos. (HADDAD E DI PIERRO, 2000, p.111)

Muitos acontecimentos ocorreram durante esse longo período de surgimento da EJA no Brasil. Nesse período também surgiu o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) em 1964 quando houve o golpe militar. Porém o Mobral era limitado, focado na alfabetização mecânica, sendo este aprendizado apenas para ler e escrever. Com a redemocratização no ano de 1980 os movimentos sociais se mobilizaram na cobrança de uma política pública mais concreta para a EJA.

Nesse sentido, caberia ao Ministério da Educação e Cultura a responsabilidade particular com atividades governamentais e não governamentais criando assim projetos de ensino de primeiro grau. A partir de 1990 surge o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC), transferindo assim recursos para projetos de ensino.

Já a partir de 1994 é criado o Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP) com o objetivo de separar o ensino médio do ensino técnico. Resultando em uma precarização pedagógica, pois oferecia cursos até mesmo em ambiente de trabalho.

A partir 2002 foi permitida abertura de debates em torno da Educação no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Mas, mesmo assim manteve programas voltados a inclusão no mercado de trabalho.

Em 2004 ouve a separação do ensino médio e do ensino profissional. Em 2005 foi criado o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) visando à formação inicial e continuada de jovens que não concluíram a educação básica na idade “adequada”. Sendo de responsabilidade das instituições Federais a sua oferta. PROEJA foi criado numa tentativa de minimizar o descaso histórico para com a população frequentadora da EJA e desse modo permitir o diálogo entre ciência, trabalho e cultura, para diminuir a histórica divisão encontrada na educação brasileira. Divisão esta que a classe trabalhadora sente na pele, pois, se comparada

a educação da classe trabalhadora com a educação da burguesia, qualidade de ensino passa distante. Desta forma, conforme elucidado por Freire:

[...] mas a burguesia que, chegando ao poder, teve o poder de sistematizar a sua educação. Os burgueses, antes da tomada do poder, simplesmente não poderiam esperar da aristocracia no poder que pusesse em prática a educação que a eles interessava. A educação burguesa, por outro lado, começou a se constituir, historicamente, muito antes mesmo da tomada do poder pela burguesia. Sua sistematização e generalização é que só foram viáveis com a burguesia como classe dominante e não mais contestatória. (FREIRE, 1921, p.16 – grifo nosso)

Diante desta abordagem, é notório que a Educação não foi pensada para a classe trabalhadora nas suas limitações e necessidades, mas sim para a classe dominante, ou seja, manter privilégios da elite e com poder de sistematizar sua educação e instituir controle e decisão que lhe interessava ser posto em prática. Mas com a Constituição de 1988, em seu artigo 208, inciso I, promoveu-se o acesso ao ensino fundamental para aqueles que não tiveram acesso na idade própria (BRASIL, 2018).

Para ampliar ainda mais a oportunidade de acesso àqueles que não puderam concluir o ensino fundamental, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) define a Educação de Jovens e Adultos como:

É uma modalidade de ensino, que visa oportunizar a formação escolar para aqueles que não tiveram acesso ou não pôde concluir o ensino fundamental ou médio nas idades apropriadas. Ao mesmo tempo em que tem o direito assegurado de estudo, é no mesmo espaço escolar que enfrentam muitas dificuldades, como falta de assistência necessária, apoio pedagógico efetivo, além de falta de materiais pedagógicos necessários para sua aprendizagem (BRASIL, 1996).

Esta lei possibilitou avanços significativos, assegurando direitos, até então negados, às pessoas para a conclusão de seus estudos, afirmando compromisso com esse público, como preconiza os artigos 37 e 38 destacados a seguir:

Art. 37°. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Art. 38°. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular (BRASIL, 1996).

A LDB, além de trazer expresso nesses artigos a possibilidade de conclusão dos estudos, propõe responsabilidades aos sistemas de ensinos na oferta dessa modalidade. E a Constituição

Federal de 1988 também prevê o acesso para quem não concluiu seus estudos, reafirmando compromisso com esse público no direito à educação.

Observa-se que a Educação de Jovens e Adultos, perde espaço na gestão do atual governo federal. É muito descaso com esse público que depende de políticas públicas para que tenha visibilidade e notoriedade. Com a extinção da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) que foi criada no ano de 2004, por meio do Decreto 5.159/2004, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, observa-se que há um retrocesso para a EJA, uma vez que essa Secretaria era de suma importância para discutir pautas referentes a modalidade, entre outras, temáticas como: políticas educacionais, discriminações, desigualdades, racismos etc.

É importante enfatizar que outro grande retrocesso no atual governo para o público jovem, adulto e idoso é aprovação da Política Nacional de Alfabetização⁴ pois dedica pouco espaço do seu texto para a EJA. Um dos poucos momentos em que a alfabetização para jovens e adultos é citada no documento, apresenta a abordagem a seguir:

A alfabetização de jovens e adultos é contemplada pela PNA, que leva em consideração suas especificidades. Ao jovem e ao adulto que não sabem ler e escrever busca-se não apenas proporcionar autonomia para ler e escrever o próprio nome e algumas palavras relacionadas ao seu cotidiano, mas, além disso, apresentar a leitura e a escrita como meios de desenvolvimento pessoal e profissional, de acesso à literatura e de outras possibilidades, conforme as motivações e aspirações de cada pessoa [...] São várias as razões que levam jovens e adultos analfabetos absolutos, ou com níveis rudimentares de leitura e escrita, a buscar a educação de jovens e adultos ou alternativas de alfabetização. Uns anseiam por inserir-se no mercado de trabalho, outros desejam adquirir independência nas tarefas rotineiras, como pegar ônibus, tomar remédios ou ler e escrever recados. Alguns ainda querem participar mais ativamente em sua comunidade. (PNA, 2019, p.35 – grifo nosso)

O discurso para afirmar que esse público não busca saber ler ou escrever já faz parte da literatura que produz estudos e pesquisa sobre a EJA. É possível falar de motivação e inspirações para esses estudantes galgarem novas buscas ou possibilidades quando se observam nas ações do atual governo um retrocesso? Motivar e inspirar um público como esse em questão, precisa não só do bonito discurso, mas de políticas efetivas, que lhe possibilitem reconhecimento, e notoriedade e respeito ao legado já construído.

⁵ Criada pelo Decreto nº 9.765 de abril de 2019 por meio da União, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, com a finalidade de implementar programas e ações voltados à promoção da alfabetização baseada em evidências científicas. No entanto, a atual Política Nacional de Alfabetização pouco menciona o público jovem, adulto ou idoso, além disso, desconsidera contribuições de pesquisadores consabidos da educação brasileira e pesquisas realizadas no país. Importa resultados colocando como evidências científicas e descaracteriza a dimensão política do processo alfabetizador tão enfatizado por Paulo Freire em todas as suas obras.

O anseio desses jovens e adultos excede a pretensão de ingressar no mercado de trabalho, ou executar pequenas tarefas rotineiras, quer ter uma profissão, cursar uma universidade ou faculdade, construir novos caminhos, realizar sonhos, algo que extrapola a técnica, a execução de tarefas, mas emanam do subjetivo, de desejos e anseios.

A EJA também não encontra lugar na Base Nacional Comum Curricular, vagamente é citada, sem detalhar suas especificidades e nem mostra preocupação em propor ações voltadas a esse público. Nas palavras do professor Roberto Catelli Júnior que é coordenador do Programa Educação de Jovens e Adultos da Ação Educativa e coordenador dos cursos de Educação Profissional do Colégio Santa Cruz, e faz algumas reflexões⁵:

Na primeira versão da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), lançada em 2015, chamou atenção a ausência de qualquer formulação referente à Educação de Jovens e Adultos (EJA), que é uma modalidade da Educação Básica [...] Na segunda versão da BNCC, lançada em abril de 2016, houve algum esforço para incluir a EJA no texto curricular. Entretanto, a solução encontrada foi bastante artificial. Onde antes se lia “crianças e adolescentes”, passou a figurar “crianças, adolescentes, jovens e adultos”[...] Na terceira versão da BNCC para o Ensino Fundamental, a EJA deixou de ser mencionada novamente, indicando que este documento não se aplicaria a esta modalidade[...] Em abril de 2018 foi lançada uma nova versão da BNCC para o Ensino Médio e nela se repete o que ocorreu na última versão para o Ensino Fundamental: a completa ausência da EJA. (CATELLI JÚNIOR, 2019 – grifo nosso)

Nas palavras do professor, observa-se que em todas as versões da BNCC, a EJA, não tem lugar nesse documento, ausências que acompanham todas as versões que foram publicadas, uma falta de compromisso com um público que historicamente luta por direitos e conquistas. Esse não lugar da EJA, nesse documento só reforça a ideia de negação de direitos, ações, currículo específico, essa é uma realidade na contemporaneidade que perpassa pelo processo de escolarização dos jovens e adultos.

II. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DAS TRAJETÓRIAS SOCIAIS À INSERÇÃO NA UNIVERSIDADE.

⁵ Cf. CATELLI JR., Roberto. *Lugar da EJA na BNCC: O não lugar da Educação de Jovens e Adultos na BNCC* (10 jun. 2019). Artigo publicado no Blog **Falando de Educação**. Disponível em < <https://profemarli.com/lugar-da-eja-na-bncc> > Acesso em set. 2020.

Neste capítulo, pretende-se apresentar de forma sucinta os percursos sociais dos jovens e adultos com base no processo de escolarização desses educandos que retomaram seus estudos na Educação Básica, no intuito de, quando terminar essa etapa da educação, ingressar no ensino superior. Neste capítulo, contemplaremos dois tópicos que permeiam a vida destes estudantes, o primeiro refere-se aos sujeitos e contextos da EJA, e singularidades desse público. O segundo, discute sobre o acesso à universidade dos estudantes egressos da EJA, suas perspectivas e contribuições que obtiveram decorrentes no âmbito do processo educativo da etapa básica da educação, que possibilitaram seu acesso à universidade.

2.1. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E TRAJETÓRIAS SOCIAIS DOS ESTUDANTES INSERIDOS: SUJEITOS E CONTEXTOS

A Educação de Jovens e Adultos, como já sabemos, é uma modalidade de ensino que se destina a todos aqueles que não tiveram acesso na infância ou na adolescência. Deste modo, esse público atendido na EJA possui características muito peculiares, são pessoas com uma trajetória de luta que, na sua grande maioria, marcaram suas vidas de maneira muito negativa. Sujeitos que desde muito cedo foram obrigados a abandonar seus estudos para trabalhar e ajudar no sustento da família. Jovens, adolescentes e adultos que se veem numa condição entre a necessidade de optar pelo emprego ou trabalho, ou continuar frequentando a escola, por isso que quando observamos esse público percebemos o alto índices de abandono escolar.

Em meio a tantas dificuldades, causadas, sobretudo, pelas negações de direito sofridas historicamente, os sujeitos da EJA, enquanto trabalhadores que estudam, enfrentam desafios dos mais diversos para conseguirem manterem-se na escola, visando, quem sabe um dia, poder ingressarem no ensino superior. Se para continuar no ensino básico é uma batalha diária, ingressar na Universidade ou faculdade é uma realidade muito distante, porém, não impossível, para quem luta e deseja essa oportunidade de cursar o ensino superior.

Muitos programas, como Todos pela Alfabetização (Topa⁶), desenvolvido no âmbito do Brasil Alfabetizado⁷, Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Prонера⁸), dentre

⁷ Programa de alfabetização “Todos pela Alfabetização” do governo do Estado criado em 2007.

⁸ O programa Brasil Alfabetizado foi criado em 2002, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, porém, foi a partir de 2003 que começou a funcionar, tendo como objetivo alfabetizar jovens com 15 anos ou mais.

⁹ “Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária” (PRONERA), um programa do governo federal e dos Movimentos dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), criado em 1998.

outros, vêm contribuindo para o acesso das pessoas jovens, adultas e idosas aos bancos escolares de modo a buscarem a garantia de um direito constitucional básico que é o da apropriação da leitura e da escrita.

O acesso aos estudos, mas, sobretudo que os mesmos deem conta de abarcar as singularidades/especificidades desses educandos, são pessoas que procuram esses Programas com intuito de saírem da condição de não alfabetizados e conseguirem maior autonomia nos eventos e práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita e, quem sabe, continuarem e concluírem seus estudos ou obterem uma certificação para o mercado de trabalho.

Fica evidente que a busca pelos estudos está associada ao trabalho ou à sua qualificação em uma sociedade tão competitiva e seletiva. Mas, acompanhando a trajetória desses estudantes, percebe-se que nem sempre o ingresso nessa modalidade, logo de imediato, lhes garante emprego formal restando-lhes apenas subemprego, ou a atuação na informalidade como bem adverte Arroyo (2007, p.4).

O trabalho informal triplicou enquanto que o trabalho formal pouco aumentou. Que querem dizer esses dados? Querem dizer que os Jovens e adultos da EJA certamente estão entre esses que ajudaram a triplicar o trabalho informal. Esses Jovens e adultos não estão incorporando no trabalho formal porque não há oferta de trabalho formal. Ao contrário, eles têm que sobreviver do trabalho formal. Ao terminarem alguma fase da educação básica – o que chamamos de quarta série, de oitava série, ou até a educação média – talvez o horizonte para eles seja apenas o trabalho informal, o subemprego, a sobrevivência mais imediata.

Dentro do seu processo de escolarização e de trabalho encontramos esta configuração descrita por Arroyo, revelando a preocupante realidade desses estudantes, sua luta pela sobrevivência em um mundo tão competitivo. No entanto, esses estudantes que ingressam na EJA têm pela frente um cargo de trabalho no âmbito da informalidade, porém, cabe ressaltar a importância dessa sua busca pela escolarização nesse segmento, uma vez que abre oportunidade para galgarem novos patamares, e até mesmo ingressarem em um curso de nível superior.

Não é só aquisição de trabalho ou emprego que levam esses educandos aos bancos escolares, é obvio que é uma demanda emergente e imediata para suprir necessidades, como aumentar a renda da família, alimentação etc. Mas a contribuição da EJA para esses jovens e adultos está também atrelada a uma nova filosofia de vida, experiências, subjetividades, sonhos, conquistas de obter uma profissão e reconhecimento nos segmentos que já fazem parte ou vierem atuar contribuindo com seus saberes pessoais e profissionais.

Pensando-se na concepção ideológica do ensino superior, acredita-se que inicialmente ele foi pensado para atender a classe burguesa, já as classes menos favorecidas, como é o caso das pessoas que compõem a EJA, acabam à margem de um sistema que pouco oportuniza, ou nega-lhes condições, sejam materiais, sociais ou históricas, entre outros entraves que esses sujeitos enfrentam no tocante a seu processo de escolarização.

Algumas possibilidades de os educandos das classes populares ingressarem no ensino superior começam a aparecer quando surge a criação de algumas políticas públicas ou de democratização de ingresso como: Programa Universidade para Todos (PROUNI), o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Estas políticas públicas possibilitaram a estes estudantes, sobretudo de camada menos favorecidas, a oportunidade de sonharem com o direito de cursarem o ensino superior. Sobre o ENEM, é preciso dizer que:

[...] trouxe uma expectativa diferente ao cenário do acesso à educação superior brasileiro, na medida em que possibilitou que o processo seletivo de diversas instituições, pública e privadas do Norte ao Sul do país, se desse de forma unificada. Assim, candidatos dos lugares mais longínquos da nação, passaram a ter oportunidade de concorrer para instituição do território nacional sem que para isso tivessem que se deslocar para o processo seletivo. (SANTOS; FERREIRA; GARCIA, 2014, p.2 – grifo nosso)

Percebe-se na reflexão dos autores que há um processo de democratização, e também a possibilidades de inserção na educação superior por meio de processo seletivo, oportunizando assim estudantes de diversos segmentos sociais dos quais contemplam educandos da EJA.

É notório o crescimento de Institutos de Educação Superior (IES), com ofertas de muitos cursos, pode-se dizer que possibilita ao acesso dessa “massificação” ou seja, ingresso de muitos estudantes oriundos de classes populares que desejam a longevidade de seus estudos. Mas quando observamos o quesito permanência, quase sempre esses estudantes não conseguem concluir o curso, ou migram internamente ou externamente de IES em busca de novos cursos. Querem estudar, mas sobretudo querem também as oportunidades de conclusão do ensino superior, pois, conforme elucidado por Zago (2006), o número de ingresso representa “uma vitória”, mas infelizmente muitos estudantes da classe trabalhadora, que compõem o público da EJA, faltam-lhe possibilidades de permanência.

Se o ingresso no ensino superior representa para esse grupo de estudantes “uma vitória”, a outra será certamente garantir sua permanência até a finalização do curso. Originários de famílias de baixa renda, esses estudantes precisam financiar seus estudos e, em alguns casos, contam com uma pequena ajuda familiar para essa finalidade. Provenientes de outras cidades ou estados, pouco mais da metade tem suas despesas acrescidas pelo fato de não morar com a família. (ZAGO, 2006, p. 8)

Pensando no público da EJA, que são das classes populares, estudantes que acabam de sair do ensino médio, e buscam de alguma forma ingressar nesses cursos das IES, também podem vivenciar situações semelhantes. Se para acessar esses cursos já encontram dificuldades, uma vez que muitos desses estudantes não concluem nem a etapa média da educação básica, os que conseguem e optam pelo nível superior, vivenciam situações como a supracitada pela a autora. As palavras de Leite evidenciam que:

No discurso legal existe a possibilidade de jovens e adultos retomarem seu processo de escolarização do ponto em que pararam e seguir novamente até a conclusão dos estudos. O discurso legal demonstra claramente a possibilidade de o percurso desembocar na universidade ou na formação técnica. Por outro lado, esse direito não se efetiva plenamente diante das mazelas que agrupam o perfil do público da EJA, muito em função de sua diversidade e consequentes demandas distintas. Na EJA encontram-se alunos trabalhadores que carregam histórias de uma escolarização marcada pelo abandono da escola, pela necessidade do trabalho, por não conseguirem conciliar escola e trabalho. (LEITE, 2003, p.295)

Ao mesmo tempo em que existe a possibilidade de ingresso na etapa superior de ensino, paralelamente existem também essas condições supracitadas. Para continuarem os seus estudos o público da EJA precisou superar muitos outros desafios, como a falta de recursos, sejam materiais ou financeiros, situações de violência urbana, presente no seu contexto geográfico, deslocamento da residência até o local onde estudam, entre outros que permeiam a da vida desses estudantes em diferentes momentos, seja nas etapas básica ou superior de ensino.

A universidade/faculdade é o lugar da “efervescência” do conhecimento científico, assim é um ambiente propício para a produção e discussão dos saberes a serviço da humanidade. No entanto, o acesso a esses ambientes acadêmicos por muito tempo foi limitado a classes populares, pois só a elite desfrutava de tais privilégios. Em se tratando do público da EJA, a dificuldade de acessar a educação superior é ainda mais crítica, uma vez que esses estudantes têm trajetória descontínua de escolarização, dificultando terminar seus estudos.

Com a expansão do ensino superior nos anos 1990, houve a possibilidade de acesso às universidades, no momento em que surgem o ENEM e o PROUNI, iniciativas que garantiram a participação de pessoas das camadas populares no ensino superior. Segundo Barros:

Diante deste cenário, para conter os efeitos do esgotamento da expansão no ensino superior privado, o governo Lula (N. E.: Luiz Inácio Lula da Silva, 35º. Presidente da República Federativa do Brasil, período de 01 de Janeiro de 2003 a 01 de janeiro de 2011), voltou suas ações para sustentação financeira dos estabelecimentos existentes. Os principais mecanismos utilizados foram o ProUni e o Fies. E nas universidades federais, e

permanência na Educação Superior. Outras medidas como aumento da oferta de cursos superiores à distância e a política de cotas também contribuíram para reverter os índices baixíssimos de inclusão neste nível de ensino. (BARROS, 2015, p.370)

Com essas iniciativas, percebe-se mais oportunidade de acesso e permanência de parte da população carente nas universidades/faculdades. Nesse processo de democratização e interiorização das universidades públicas do país, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB como um Centro de Formação de Professores-CFP, faz parte de um projeto de governo democrático, que primou em interiorizar instituições de ensino, para atender demandas da população de baixa renda, que há tempo buscava uma profissão/qualificação.

Com a interiorização das universidades nos lugares longínquos do Brasil, setores como a EJA também são contemplados, uma vez que esses estudantes ao terminarem a etapa básica da educação não precisariam percorrer grande distância para ter acesso ao ensino superior. Se tratando da realidade e do contexto onde se insere esta pesquisa, muitos do público da EJA, ao terminarem o ensino médio, optam por ingressarem na UFRB, universidade local, que oferecem cursos de licenciatura, formando professores em diversas áreas do conhecimento.

2.2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O ACESSO À UNIVERSIDADE: PERSPECTIVAS E CONTRIBUIÇÕES.

Os estudantes que buscam essa modalidade de ensino têm diversas finalidades que vão desde o objetivo de aprender a ler e a escrever, para a sua necessidade básica do cotidiano, até o galgar novos patamares na vida profissional, como o acesso à universidade ou à faculdade. Aqueles que optam por persistir no avanço de seus estudos precisam da oportunidade de acesso, a qual já é conhecida: os vestibulares, o ENEM etc., mecanismos que, após a conclusão do ensino médio, dão acesso ao nível superior.

No entanto, as perspectivas de cursar a etapa superior da educação crescem à medida em que muitos desses estudantes acreditam que é possível superar os desafios e eliminar barreiras impostas pelo percurso de sua escolarização. Nesse sentido, os professores têm importância fundamental no incentivo da vida desses alunos, quando durante a docência os levam a ter esperança de poder avançar nos estudos e “ser mais”. Como afirma Freire (2010), “Faz-se necessário a criação de espaços de ação-reflexão, reflexão-ação que propiciem que o “ser mais” se emancipe, pois este, está inscrito na natureza dos seres humanos” (FREIRE, 2010, p. 75).

Professores e educandos se emancipam juntos circunscritos no âmbito da democracia, por isso entendemos que o trabalho parte da consciência coletiva. Quando os estudantes estão no espaço da sala de aula, nesse ambiente de aprendizagem, de debates, discussões e reflexões, que lhes proporcionam rotas para planejarem o futuro, sabe-se que muitos desses alunos da EJA têm como alvo o ingresso no ensino superior.

Falar de acesso desses estudantes à Universidade ou em qualquer instituto que oferte o ensino superior, primordialmente é necessário a garantia de permanência em todas as fases de escolarização, pois sabemos que muitos educandos nem conseguem chegar à etapa média de ensino, a falta de incentivo, seja de ordem familiar ou até mesmo financeiro são barreiras que lhes impedem de continuarem na Escola, se lhes falta oportunidade, escapam desses educandos a tão sonhada formação profissional.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2009), revelou que em 2009 apenas 19% dos estudantes da EJA, com idade entre 18 e 24 anos, ingressaram no ensino superior. O que se observa é que é um percentual muito pequeno desses estudantes que buscam sua inserção nos espaços universitários, é necessário que haja políticas de inclusão para que esses jovens e adultos continuem com os seus estudos.

Mesmo com esse percentual pequeno de estudantes que desejam uma formação acadêmica, deve-se considerar a contribuição da EJA, nesse aspecto, é por meio dessa modalidade que novas oportunidades surgem, não só emprego no mercado, ou a conclusão de Educação Básica, mas consolidar uma formação profissional, prestígio social, salário melhor, entre outras conquistas, como afirma Neto:

O diploma do ensino superior permite não apenas a mobilidade econômica através da melhoria dos salários, decorrente do aumento da qualificação profissional, mas também o incremento do capital cultural e social e, assim, do status social dos indivíduos, sobretudo daqueles provenientes das classes baixas, constituindo elemento fundamental de ascensão. (NETO, 2013, p. 49-50)

Como ressalta o autor, o ensino superior confere a esses estudantes melhoria na qualidade de vida em muitos aspectos, ascensão, prestígios, status etc. Esses educandos se inserem na luta e na conquista dos seus direitos, sabem dos desafios que circundam o seu percurso de escolarização, mas também acreditam que é possível sonharem e alcançarem suas expectativas da tão sonhada carreira profissional. Nas palavras de Bernardim:

Na modalidade EJA permanece forte a percepção de que a educação pode contribuir não só para a melhoria das condições de trabalho e renda, como para a obtenção de emprego. Essa perspectiva também tem se ampliado entre

aqueles que, tendo concluído o Ensino Médio há mais tempo, percebem o nível superior como importante para melhorar sua condição de inserção socioeconômica. Assim, almejam chegar à educação superior com a perspectiva de melhorar suas condições materiais de vida, passando a valorizar cada vez mais a universidade como meio ascensão e inclusão social. (BERNARDIM, 2013, p. 215)

Nas palavras do autor, percebe-se a contribuição da EJA na vida dos estudantes. São muitas as perspectivas e os sonhos que vão se concretizando nesse percurso; pessoas determinadas em empregar todos os esforços em busca de alcançarem seus objetivos e galgarem novos patamares por meio da educação.

III. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O caminho metodológico de uma pesquisa se caracteriza pelas muitas etapas trilhadas em busca de explicitar a abordagem, o campo, os sujeitos, os instrumentos de produção de dados e também por fazer um apanhado de produções ou revisão bibliográfica dos trabalhos que foram pesquisados e produzidos acerca da temática de interesse do pesquisador. De acordo com a pretensão e os objetivos de quem realiza a pesquisa, pode-se ainda optar por observação, entrevista, questionário, dentre outros instrumentos que se julgar pertinentes para um trabalho de pesquisa.

Desta forma, lançamos mão do questionário aberto como instrumentos de produção de dados da pesquisa, por entendermos que estes contemplam os objetivos pensados para esta temática. Tal escolha é justificada no decorrer deste trabalho que se dá no âmbito da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, com Egressas do ensino médio que ingressaram na Universidade. Deste modo, apoiamo-nos nas contribuições de Oliveira (2012), André (2005), Godoy (1995) e Alves (2006), entre outros no âmbito da metodologia da pesquisa. As suas reflexões são fundamentais para a tessitura deste estudo. Assim, três tópicos contemplam o capítulo no intuito de explicitar a abordagem, a caracterização dos sujeitos, os procedimentos de produção e a análise dos dados da pesquisa.

3.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA.

Para esta pesquisa, optamos pela abordagem qualitativa, por priorizar a compreensão da realidade do ambiente natural, dos fenômenos que emergem do contexto, o contato prolongado do pesquisador e as interpretações extraídas de uma realidade empírica. Esse tipo de abordagem é:

[...] multimetodológica quanto ao seu foco, envolvendo abordagens interpretativas e naturalísticas dos assuntos. Isto significa que o pesquisador qualitativo estuda coisas em seu ambiente natural, tentando dar sentido ou interpretar os fenômenos, segundo o significado que as pessoas lhe atribuem. (DENZIM & LINCOLN, 1994, p.2 – grifo nosso)

Interpretar e atribuir significados dos fenômenos que emergem de sua realidade, são características fundantes que esse tipo de abordagem nos ajuda na descrição dos dados. Para Oliveira (2012, p.37), “é um processo que implica em estudo segundo a literatura pertinente ao tema, observação, aplicação de questionários, entrevistas e análises de dados que deve ser

apresentada de forma descritiva”. As etapas de uma pesquisa constituem-se de várias fases e precisa-se ser justificada, demonstrando as intenções, as opções que o pesquisador tem no desenvolvimento de uma pesquisa. Para André, precisa existir:

Descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido para alcançar os objetivos, com a justificativa de cada opção feita. Isso sim é importante, porque revela a preocupação com o rigor científico do trabalho, ou seja: se foram ou não tomadas as devidas cautelas na escolha dos sujeitos, dos procedimentos de coleta e análise de dados, na elaboração e validação dos instrumentos, no tratamento dos dados. Revela ainda a ética do pesquisador, que ao expor seus pontos de vista dá oportunidade ao leitor de julgar suas atitudes e valores. (ANDRÉ, 2005, p. 96)

De acordo com a autora, existe um caminho para se percorrer, com descrição clara e objetiva dos procedimentos, sem descuidar do rigor científico. Neste trabalho primamos por escolher o Estudo de caso. Dentre os muitos tipos de pesquisa que existem, entendemos que ele é o contempla satisfatoriamente a temática em questão, assim como os objetivos propostos desse tipo de estudo possibilita compreender a realidade pesquisada. Por conseguinte, tem-se foco no contexto, numa unidade em particular, que, no nosso caso, é um estudo com as egressas do ensino médio que conseguiram acesso ao ensino superior. Godoy define como:

[...] uma unidade que se submete a uma análise profunda, visando obter um exame detalhado, ou seja, de um ambiente, de um indivíduo ou de uma situação particular. Seu propósito fundamental é analisar intensivamente essa unidade. As técnicas mais utilizadas de pesquisa, aqui, são a observação e a entrevista. (GODOY, 1995, p.151 – grifo nosso)

Com base no pensamento da autora, precisamos ir em busca desses sujeitos (Egressas da EJA) para entrevistá-los, de acordo com os objetivos pretendidos. Sobre a importância do método estudo de caso, ressalto também a contribuição de Yin (2001, p.32-33) que o define como “[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. André enfatiza que:

Se o interesse é para investigar os fenômenos educacionais onde os mesmos ocorrem [...] instrumentos valiosos, pois o contato direto e prolongado do pesquisador com os eventos e situações investigadas, possibilita descrever ações e comportamentos, captar significados, analisar interações, compreender e interpretar linguagens, estudar representações, sem desvinculá-los do contexto e das circunstâncias especiais em que se manifestam. (ANDRÉ, 2005, p.79)

A escolha de se fazer um estudo caso se justifica pela sua contribuição para o entendimento de um contexto, os fenômenos que emanam de uma realidade pesquisada. Nas

palavras da autora, fica evidente a valiosa importância desse tipo de estudo, por isso, tal estudo se aplica à presente pesquisa. Precisamos ter em mente o cuidado de definir certos estudos como sendo de caso, uma vez que não basta ter um local, ou dizer o que acontece em algum lugar. Precisa-se sobretudo mostrar sua real intenção ou interesse de justificar com argumento condizente a escolha do espaço e dos sujeitos. Para Alves Mazzotti (2006, p.4):

Frequentemente, o autor apenas aplicar um questionário ou faz entrevistas em uma escola, sem explicitar porque aquela escola e não outra, deixando a impressão de que poderia ser qualquer uma. Ou seja, a escola ou a turma escolhida não é um “caso”, não apresenta qualquer interesse em si, é apenas um local disponível para a coleta de dados. Em consequência, a interpretação desses dados é superficial, sem recorrer aos recursos, ao contexto e à história. (MAZZOTTI, 2006, p.4)

A natureza desse tipo de estudo passa pela compreensão de uma escolha, da decisão de pesquisar certa realidade, demonstrar seu interesse e caminhar para trazer a veracidade dos dados. Evitar a superficialidade dos achados da pesquisa. Não deve haver achismo, mas a demonstração de um estudo profundo, valendo-se de técnicas e instrumentos apropriados, corroborando com a natureza científica da pesquisa.

Como em qualquer trabalho de natureza científica, optou-se pelo levantamento de materiais, busca em sites, artigos, livros, e muitos outros que possibilitaram maior compreensão na tessitura do nosso estudo. Os autores supracitados contribuíram sobremaneira com reflexões importantes acerca da temática. É nesse viés que pautamos nossa discussão que circunda nosso objeto de estudo. No próximo tópico abordamos a Caracterização do campo e dos sujeitos.

3.2. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA.

Situar o contexto de uma pesquisa é fundamental para compreendermos os fenômenos que emergem da realidade empírica. Especificamente esse nosso estudo em questão se insere na cidade Amargosa⁹.

¹⁰ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), Amargosa integra o Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá, conforme discriminado pelo Governo da Bahia, limitando-se ao norte com o município de Santa Terezinha, ao sul com Ubaíra; ao nordeste com Elísio Medrado; a leste com São Miguel das Matas; a sudeste com Laje; no sentido oeste-sudoeste com Brejões e no sentido oeste-noroeste com Milagres. Território de Identidade é a unidade de planejamento do Estado da Bahia. O município de Amargosa possui uma área de 436 Km² (IBGE), sendo constituído administrativamente por quatro distritos: Sede, Corta Mão; Itachama e Diógenes Sampaio. Sua composição territorial inclui ainda quatro povoados (Acaju, Baixa de Areia, Cavaco e Barreiro).

Para sermos mais precisos, centramos nossas atenções para o público da EJA. Para tanto, faz-se necessário trazer os dados dessa modalidade para conhecermos a realidade e as peculiaridades desses sujeitos. Neste sentido, conhecer as características desses jovens e adultos, buscar reconhecer seu lugar de fala, sua trajetória, seus anseios, o contexto sociopolítico, sua forma de viver, perfil socioeconômico etc.

No momento em que estamos em contato com os participantes, podemos obter as informações, expressões, subjetividades dentre outras manifestações de cada participante entrevistados. Para falar dos participantes que fazem parte desta pesquisa, é fundamental compreender como a modalidade da EJA contribuiu para sua inserção no ensino superior.

São mulheres egressas da EJA que posteriormente ingressaram no ensino superior. Esses sujeitos fazem parte de um universo significativo desse público nesta modalidade de ensino. Assim, faz-se necessário apresentar algumas informações acerca das colaboradoras desta pesquisa. Para preservar a identidade das estudantes egressas da EJA, usamos nomes de flores. É uma questão ética do pesquisador preservar a identidade dos colaboradores da pesquisa; uma forma de respeitá-las, não citando seus nomes em pesquisa sem a permissão dos envolvidos. Desta forma, chamaremos de Rosa, Tulipa e Dália.

Assim, todas as interlocutoras que constituem a nossa pesquisa são mulheres, na faixa etária de trinta a sessenta anos. A colaboradora Rosa foi aluna de Escola do Campo, estudou na EJA e atualmente mora na cidade. Ela tem 60 anos, é solteira, mulher branca, de religião evangélica. Reside na cidade de Amargosa, trabalha como auxiliar de Biblioteca na mesma cidade, também é educadora voluntária e mãe de dois filhos.

A Colaboradora Tulipa iniciou sua alfabetização na Escola do Campo, e também estudou na EJA. Mora na Cidade de Mutuípe-BA, tem 43 anos e é casada. De cor parda, de religião católica, é concursada na função de professora no mesmo município. Atualmente ela está lecionando na cidade de Amargosa-BA e tem duas filhas.

A última participante desta pesquisa com nome fictício de Dália tem 34 anos de idade, é casada, tem quatro filhos, de cor parda, de religião evangélica, mora no município de Amargosa, na localidade conhecida como Sete Voltas e atua como lavradora na mesma região.

Para obter os dados dos participantes desta pesquisa, optamos pelo questionário aberto, deixando livres os respondentes a lançarem suas respostas diante de um conjunto de perguntas que são apresentadas. O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões

apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Ao lançarmos um conjunto de perguntas muito bem elaboradas, pretendemos obter as respostas dos respondentes e assim buscar compreender nas informações elementos que permeia o objeto de estudo em questão.

Sobre a importância do questionário aberto nessa pesquisa, entendemos que o mesmo, pode fornecer um conjunto de informações pertinentes para compreendermos um universo de significados provenientes das respostas dos participantes, sendo um instrumento que possibilita colher dados por meio de perguntas que o pesquisador pede para os sujeitos responderem usando suas escritas. Para este trabalho entendemos que o questionário é necessário, pois pretende-se colher o máximo de informações que nos deem subsídios para tecermos as reflexões acerca da temática. Para Santos:

O questionário se caracteriza por conter um conjunto de itens bem ordenados e bem apresentados. Outra particularidade é a exigência de resposta por escrito e a limitação nas respostas. Ao elaborar um questionário, deve ser observada a clareza das perguntas, tamanho, conteúdo e organização, de maneira que o informante possa ser motivado a responde-lo. (SANTOS, 1997, p.194)

Para o autor, deve-se ter cuidado na elaboração de um questionário. As suas perguntas devem ser claras e a dimensão do conteúdo e a sua organização devem levar em consideração o público a que se destina. Diante do exposto, fica evidente que é um excelente instrumento de pesquisa. Por isso optamos pelo o mesmo devido sua contribuição para a temática.

Para esta pesquisa optamos por escolher três participantes, pois entendemos que este número contempla os objetivos que foram aqui delineados. As participantes escolhidas como interlocutoras da pesquisa, ao responderem o questionário, nos fornecem informações que são de suma importância para tecermos as reflexões que circundam a temática desta pesquisa. O questionário deve ser entregue para que as participantes possam responder e devolvê-lo em um prazo razoável. Optamos em fazer o envio via internet, nos e-mails das participantes.

Neste trabalho, entendemos que as informações provenientes da realidade pesquisada, podem ser analisadas na perspectiva de um ensaio à luz da Análise de conteúdo, pautando-se em autores como Bardin (1977) e Franco (2005). Depois de sua inserção no campo empírico, com o material produzido, é hora de analisar esse conteúdo como base nos discursos produzidos em pressupostos teóricos e metodológicos, para a tessitura de reflexões condizentes com esta temática de estudo. Sobre a definição do que venha a ser a Análise de Conteúdo (AC), Bardin conceitua como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, obter indicadores (qualitativo ou não) que permitam a inferência de conhecimento relativo às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens. (BARDIN, 1977, p.42)

A ênfase pauta-se nos procedimentos, nos objetivos e na descrição do conteúdo das mensagens que emanam do campo de pesquisa, e que nos possibilitam fazer inferências de conhecimentos que estão latentes nesses conteúdos permitindo inferir interpretações. De acordo com a autora, no que tange a organização da Análise de Conteúdo, organiza-se em três polos cronológicos: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e interpretação (BARDIN, 1977, p.95). Essa cronologia defendida pela autora se aplica ao nosso interesse no momento de fazer análise dos conteúdos.

Durante a sua imersão no contexto em que o pesquisador está produzindo os dados, entra em contato com os participantes em um processo vivo e dinâmico pelo uso da linguagem desses sujeitos que de alguma forma estabelece representações sociais, vivências, contexto em que estão inseridos. Para fundamentar a importância da linguagem na Análise de Conteúdo, entendemos ser pertinente a contribuição de Franco ao destacar que:

[...] a Análise de conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem aqui entendida como uma construção real de toda a sociedade e como expressão de existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação. (FRANCO, 2005, p.14 – grifo nosso)

Quando os sujeitos estão produzindo discurso acerca de terminados assuntos, em alguma situação como participar de uma pesquisa, por meio de entrevistas, questionários etc., verbalizam suas mensagens, ora de forma verbal, ou expressamente escrita. Tudo o que falam ou escrevem, de alguma forma, está ligado à sua vida, na dinâmica social ou histórica, pois operam por meio de ideologia socialmente construída. Então pode-se inferir que por meio da manifestação desses sujeitos emanam de si mesmos elementos que fazem parte de simbolismo, visão de mundo, ideologias, compreensão da realidade, entre outras filosofias de vida, que permeiam a Análise de Conteúdo.

Mediante a produção de materiais produzidos na realidade empírica, através da experiência, *a priori* serve como condição para interpretarmos os resultados à luz dos autores supracitados, no que tange a Análise de Conteúdo dessa produção.

IV. DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS À UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS, CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS.

Este capítulo dedica-se à análise e ao tratamento dos dados produzidos no campo junto às colaboradoras da pesquisa. A partir das reflexões teóricas mobilizadas neste estudo e dos dados a partir do questionário aberto aplicado às egressas da EJA, que estão inseridas no ensino superior, chega o momento da tessitura e do cruzamento entre os diferentes saberes, trazendo reflexões aprofundadas acerca da temática em estudo. Dois tópicos são aqui contemplados no intuito de atender as categorias construídas a partir dos objetivos da pesquisa: 1) trajetórias sociais de egressas da EJA inseridas no Ensino Superior e 2) a EJA e possíveis contribuições ao acesso à Universidade.

4.1. TRAJETÓRIAS SOCIAIS DE EGRESSAS DA EJA INSERIDAS NO ENSINO SUPERIOR.

O percurso de escolarização de muitas mulheres que ingressam no ensino médio é no intuito de concluir essa última etapa da educação básica, com a pretensão de ingressar no curso superior. Assim tentam encontrar oportunidade de participar de seleção que as inserem nessa nova trajetória social, numa jornada árdua que exige tempo, determinação e, sobretudo, coragem. Essas mulheres egressas da EJA fazem parte desse processo de luta histórica em busca de direitos negados historicamente. Um exemplo dessa negação foi o fato de ficarem longe dos bancos escolares por longos períodos, mas persistirem e conseguirem vencer a etapa da Educação Básica. Assim, a caminhada rumo à universidade foi mais uma etapa a ser conquistada nesse processo de luta permanente. Nesse sentido, conforme anuncia Arroyo,

Um novo olhar deverá ser construído, que os reconheça como jovens e adultos em tempos e percursos de jovens e adultos. Percursos sociais onde se revelam os limites de ser reconhecidos como sujeitos dos direitos humanos. Vistos nessa pluralidade de direitos, se destacam ainda mais as possibilidades e limites da garantia de seu direito a educação. (ARROYO, 2005, p. 23)

O novo olhar no qual se refere o autor, deve ser construído nesses percursos históricos, e deve reconhecer esses percursos desse público reconhecendo como sujeitos dos direitos humanos, nos quais entendemos a educação como fundamental, juntamente com outras pluralidades dos direitos que não podem ser negados.

Para compreender a trajetória social de mulheres que estão no ensino superior, é primordial que se pense na participação da mulher, tendo como base sua função social em diversos segmentos sociais. Sabe-se que no passado não muito distante, a forma de atuação da mulher estava circunscrita ao âmbito familiar. Mas ao vê-las cursando este nível de ensino, significa reconhecer todo esse limiar histórico que essas mulheres trilharam até sua inserção em um curso superior. Conhecer esse lugar de fala das egressas no aspecto social, nos leva de volta ao início dessa jornada, para compreendermos as trajetórias sociais que estão inseridas no ensino superior.

Diante desse contexto, ancorado nas perguntas das respondentes no questionário, cabe explicitar as informações para melhor compreender as falas das interlocutoras que discorreram sobre vários assuntos acerca das suas trajetórias sociais até sua inserção ao ensino superior. Questionada sobre como foi esse percurso e quais os momentos que mais marcaram sua escolarização, Rosa respondeu:

Iniciei meus estudos em uma escola da zona rural de Amargosa, onde funcionava na sala da casa de uma professora leiga. Depois de alguns anos, minha mãe foi para São Paulo em busca de uma vida melhor, oportunidade de trabalho. Toda vez que conseguia um novo trabalho, conseqüentemente eu mudava de bairro e de escola, começava tudo novamente, me adaptar em novo contexto escolar. Devido à situação difícil de viver em uma capital, retornei algumas vezes para morar com meus avôs maternos em Amargosa (ROSA, 2021).

A fala de Rosa revela o começo e o recomeço na Escola, os momentos de dificuldades e de mudanças de lugares na jornada da sua escolarização, e a falta de oportunidade de se firmar em um trabalho, pois sua mãe migrava e a sua filha acabava interrompendo os seus estudos. Nesse aspecto a segunda colaboradora, Tulipa respondeu:

Iniciei minha trajetória escolar na escola do campo no município de Mutuípe-Bahia, o ensino era tradicional, com a professora, todos em fileira e se fizesse algo errado ficávamos de castigo, em pé atrás da porta. O momento que mais marcou a minha escolarização foi quando sair da escola do campo e fui estudar na cidade, novos colegas novos aprendizados (TULIPA, 2021).

A fala da narradora revela marcas do ensino tradicional e conteudista, resquícios de uma educação jesuítica desde o Brasil colônia. A postura da docente na sua regência revela traços desse processo educativo, a mudança de espaço do campo para a cidade, marca profundamente a vida de Tulipa, novos aprendizados e convívio social. Esse modelo de educação é ignorado por Freire ao evidenciar que:

[...] quando certos centros de poder estabelecem o que deve ser feito em classe, sua maneira autoritária nega o exercício da criatividade entre professores e estudantes. O centro, acima de tudo, está comandando e

manipulando, à distância, as atividades dos educadores e dos educandos. (FREIRE, 2001, p.62 – grifo nosso)

Para o autor é preciso romper essa concepção bancária de educação, e os sujeitos devem se engajar numa luta emancipatória permanente. Nesta direção, foi questionado as colaboradoras os motivos que levaram a não linearidade no seu processo de escolarização e Dália (2021) revelou que:

Venho de família humildes, meus pais eram lavradores, sou de sete voltas zona rural de Amargosa, tenho 6 irmãos, meu pai morreu quando [eu] tinha 5 anos minha mãe criou 6 filhos sozinha, meus pais não estudaram, entre 6 filhos só 3 concluíram o ensino médio, sempre estudamos em escola pública, entre 6 filhos sou a caçula. (DÁLIA, 2021 – grifo nosso)

No cerne da fala de Dália está implícita a dificuldade de milhares de famílias brasileiras que, compostas por mães que têm de criar seus filhos sozinhas, têm que incentivá-las no processo de escolarização. O que nem sempre acontece, no caso da Família de Dália, pois nela apenas 3 pessoas terminaram a etapa média da educação. Sobre esta questão, Rosa revela que:

Quais os motivos da sua não linearidade no seu processo de escolarização? Na infância e na adolescência houveram situações complicadas na vida familiar e escolar. Na juventude já não sentia estímulo para estudar. Nessa época o meu desejo era trabalhar para ganhar dinheiro e seguir minha vida sem ter que passar por problemas familiares. Lembro que naquele tempo o importante era ter experiência em algum trabalho, ter uma formação escolar nem sempre era exigido. Meu primeiro trabalho aos 17 anos foi em uma biblioteca de colégio de freiras, tirava poeira dos livros e organizava-os, mas raramente abria para ler os livros de uma grande biblioteca. (ROSA, 2021)

A falta de estímulo para estudar e o privilégio pelo trabalho mostra que a carência de recurso financeiro é um fator que atrapalha diretamente a continuidade nos seus estudos. Mas, Rosa sustenta um imaginário social que o mais importante era ter uma experiência de trabalho, negando assim a formação escolar. O trabalho ganha destaque na mediada em que supre necessidades emergenciais e básica de sobrevivências. “Viver significa para eles ter o que comer, ter um salário, ter uns trocados. Quando até essas bases do viver são incertas, a incerteza invade seu viver” (ARROYO, 2007, p.5). Mas não é só a necessidade de trabalho que afastam os jovens e adultos dos bancos escolares. Fonseca (2007) destaca outras dimensões que também contribuem para a não linearidade no processo de escolarização, conforme pode ser observado.

[...] deixam a escola para trabalhar; deixam a escola porque as condições de acesso e segurança são precárias, deixam a escola porque os horários e as exigências são incompatíveis com a responsabilidade que se viram obrigados a assumir. Deixam a escola porque não há vaga, não tem professor, não tem

material. Deixam a escola, sobretudo, porque não consideram que a formação escolar seja assim tão relevante que justifique enfrentar toda essa gama de obstáculos à sua permanência ali (FONSECA, 2007, p. 32-33).

Como podemos perceber, são muitos outros fatores que dificultam ou afastam a possibilidade de os educandos estudarem e ficarem nesse movimento de entrada e saída da escola. Nesse quesito, Tulipa (2021) relata: “Estudei até a 6ª série e desisti, pois casei e veio a minha primeira filha, pois não tinha com quem deixá-la, por isso tive que desistir, mais quando ela tinha 3 anos, voltei a estudar, tive a opção de estudar a noite, onde terminei os meus estudos na EJA”.

Enquanto Rosa, priorizava o trabalho e sentia-se desmotivada a estudar, Tulipa, interrompeu seus estudos por momento da sua gestação, mas logo retomou o mesmo assim que teve condição. São histórias diferentes, mas com pontos em comuns, uma vez que esse público compartilha também experiências que se cruzam.

Minha família não tinha condições de me dar um estudo melhor, fiquei doente onde perdi parte da minha infância na cama sem poder estudar, foi aí que parei de estudar, depois de muitos anos resolvi estudar. (DÁLIA, 2021)

A questão socioeconômica e sócio-histórica de muitas famílias promove o afastamento dos bancos escolares, como relata Dália, ao dizer que sua mãe não tinha condições de lhe garantir um estudo melhor. Como consequência da vida, seu problema de saúde lhe afastou dos bancos escolares por longo período, só depois retomando sua escolarização em momento oportuno. Ao questionarmos sobre a experiência escolar que antecedeu a EJA, obtivemos a seguinte resposta:

Não conseguia avançar nos estudos, o máximo que consegui atingir foi o primeiro ano colegial, atual primeiro ano do ensino médio. Vários fatores contribuíram para haver um desinteresse em relação ao estudo, não sentia desejo nem interesse pela escola. (ROSA, 2021)

Era legal, mas tive muita dificuldade, quando saí do campo para estudar na cidade. E na EJA foi diferente, os conteúdos eram muito mais fáceis que conseguia conciliar meu tempo de estudo e os a fazeres de casa. (TULIPA, 2021)

Não pude terminar o ensino médio, na minha infância, só fiz a 4 série. Por conta de saúde passei a juventude doente. Desejo tinha na adolescência de retorna às escolas mais muitos espinhos me afastaram da sala de aula deixando em mim algumas dificuldades e lacunas. (DÁLIA, 2021)

Rosa não detalha quais os fatores que contribuíram para a sua desmotivação pela escola. Destaca apenas que não tinha interesse de frequentar a instituição de ensino, deixando algumas interrogações e possibilidades de inferências em relação a estes fatores. Nesse sentido, observa-se que talvez a escola naquele momento não conseguiu cumprir a sua função

agregadora e de acolhimento ou dimensões de outras ordens interferiram para o afastamento de Rosa da escola.

Tulipa, relata sua trajetória de aprendizagem em diferentes momentos, no campo, na cidade, no diurno e na EJA à noite. Foi um movimento atravessado por lutas e desafios, sobretudo ao sair do campo para estudar na cidade. Evidencia, na sua narrativa, a importância da EJA por possibilitar a continuidade dos seus estudos, mesmo trazendo um elemento que carece maiores discussões: “na EJA [...], os conteúdos eram muito mais fáceis” (TULIPA, 2021 – grifo nosso).

Dália destaca alguns desafios para terminar seus estudos, como problemas de saúde e muitos “espinhos” que podem ser entendidos como desafios de naturezas diversas. Isso tudo impossibilitou a sua frequência na Escola. Todas as colaboradoras relatam alguma dificuldade de continuidade em seus estudos em algum momento da sua vida. São trajetórias que compartilham experiências passíveis de reflexão, no que tange momentos de começo e recomeço do seu processo de escolarização. Refletindo sobre a desmotivação de Rosa, e as falas das outras colaboradoras, Bernardim contribui revelando que:

Uma das principais características do aluno EJA é sua baixa auto-estima, reforçada pelas situações de fracasso escolar, ou seja, a sua eventual passagem pela escola muitas vezes marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Já que seu desempenho pedagógico anterior foi comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma auto-imagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem. (BERNARDIM, 2006, p.99)

O autor supracitado relata vários fatores que perpassam pela vida dos Jovens e Adultos, baixa autoestima, insucessos escolares, desmotivação etc. Sabe -se que esses percalços dificultam a vida desses estudantes que ora desistem, ora recomeçam sua escolarização, tentando encontrar sentido para continuarem estudando e sonhando em conquistarem seus objetivos.

Nesta direção, foi perguntada sobre sua condição de mulher, se dificultou o processo de escolarização, e Rosa respondeu: “Acredito que não. As oportunidades existiam. Como já mencionei anteriormente, devido a vários fatores gradualmente o estudo não fazia sentido para minha vida” (ROSA, 2021). Já Tulipa (2021), respondeu: “Não, porque eu consegui concluir e me dediquei muito, depende de cada pessoa sendo mulher ou não, quando se quer conquistar um objetivo devemos persistir e correr atrás dos nossos sonhos”. Dália (2021) respondeu: “Acredito que não, porque meu sonho sempre foi estudar e se dedicar ao que queremos conseguir”. As três colaboradoras acreditam que não houve dificuldade de continuar

estudando por ser mulher, enquanto para Rosa estudar naquele momento não faziam sentido, ela primava pelo trabalho, Tulipa terminou seus estudos e Dália fala do seu sonho de querer estudar. Apesar de elas terem dito não, os dados revelam outra coisa. As demais narrativas nos possibilitam verificar que a condição de mulher e mãe, limitou a possibilidade de permanência na escola e a busca pela inserção no curso superior, com a assunção de atribuições que foram historicamente construídas por uma sociedade machista, patriarcal em que a mulher, para além das outras atividades que exercem foram do cotidiano doméstico, costumam assumir, como sua responsabilidade, a tarefa de cuidar da casa, da alimentação, das roupas, dos filhos, do companheiro, sem, muitas vezes, buscar o compartilhamento destas atividades domésticas por já terem naturalizado como “atribuições femininas” por toda essa construção cultura.

A partir das narrativas das colaboradoras, infere-se que essas mulheres trilharam trajetórias semelhantes no que tange ao começo e recomeço no processo de escolarização. Sabe-se que foi preciso romper barreiras, seja econômicas, sociais, pedagógicas ou familiares. Suas lutas e persistências nos estudos levaram-nas a terminarem o ensino médio e posteriormente tentarem uma vaga no espaço acadêmico.

4.2. A EJA E POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES AO ACESSO À UNIVERSIDADE.

Já conhecemos a relevância da EJA na inserção dos estudantes que tardiamente desejam retomar seus estudos, também já sabemos que concluir seu processo de escolarização nesse segmento é uma tarefa árdua, dada as especificidades que cada sujeito tem em suas trajetórias de vida. É nessa modalidade de ensino que esses estudantes veem a oportunidade da longevidade de seus estudos, ou seja, aqueles que conseguem terminar o ensino médio podem sim optar pelo o acesso ao ensino superior.

Mesmo com todos os percalços que envolvem o processo de escolarização, os jovens e adultos buscam reunir esforços para não interromperem seus estudos, nesse espaço de oportunidade, que é a escola, mas, também, de superação das desigualdades que permeiam sua realidade. É no espaço escolar e, sobretudo na modalidade da EJA que enxergam a possibilidade de ingressar no espaço universitário. Para entender como essa modalidade contribui na vida desses estudantes, perguntamos as interlocutoras desta pesquisa: Como foi o seu retorno à escola da EJA? Quais as maiores dificuldades encontradas?

“O que me levou a retornar aos estudos foi um problema de família, onde tive que escolher viver ou desistir da vida. Busquei em Deus toda força que precisava, ergui a cabeça com muita fé e determinação para seguir em frente.

Aos 50 anos decidi retomar os estudos. Foi uma decisão muito difícil, mas aos poucos fui me envolvendo com a nova etapa da minha vida. A dificuldade maior era em relação à leitura; não estava acostumada a ler, nem gostava de ler. Tínhamos livros e apostilas, os professores apresentavam os conteúdos sem muitas explicações, meio engessado, cumprindo o programa do curso. Talvez por se tratar de curso noturno observava que alguns professores não apostavam no rendimento e avanço da turma”. (ROSA, 2021)

Rosa apresenta sua trajetória nesta modalidade, e nos provocam muitas reflexões. Ela não gostava de fazer leitura e aponta o modo de lecionar dos professores sobre trabalhar os conteúdos sem muitas explicação e “descrença” no rendimento e no avanço da classe. Nesse sentido Freire (1996, p.17) contra argumenta: “[...] como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos”.

O autor aponta para a criticidade do ato de ensinar e aprender. Essa forma de que a EJA serve apenas para cumprir programa. Aponta ainda para a possibilidade de compreender os saberes dos conteúdos ministrados e de maneira crítica serem explicados e interpretados nessa relação entre professores e educandos. Os saberes historicamente construídos devem ser traduzidos de maneira que exista significância para quem ensina e quem aprende, só assim ganha sentido a relação que emana do ato de aprende/ensinar.

Nesse quesito, a colaboradora Tulipa nos respondeu da seguinte forma: “No início foi estranho, as pessoas eram mais velhas, outros não queriam estudar, não ficavam na sala, mas depois me acostumei, estava sempre disposta a ajudar, porque tinham pessoas que tinham muitas dificuldades (TULIPA, 2021). Podemos inferir que a fala de Tulipa está relacionada a diversos fatores como, por exemplo, a desmotivação dos seus colegas, que, provavelmente, seria desencadeada pela dificuldade de os educandos acompanharem a dinâmica dos trabalhos escolares, e, por vezes, mostravam-se desmotivados e até perdia o interesse de assistir as aulas e não ficavam na sala.

Sabe-se que a EJA tem uma configuração em termo de público bem diversificadas, desde jovens até idosos. Desta forma, demanda-se do professor um planejamento bem elaborado, no que tange pensar conteúdos diversificados para atender de forma satisfatória essa modalidade. Não se trata apenas dizer que não assiste aulas, ou não gosta de estudar, mas trata-se de situações que envolvem elementos pedagógicos como a seleção dos conteúdos, o perfil da turma, a prática docente etc. Nesse quesito, Dália respondeu: “Foi muito bom, pude terminar meus estudos apesar de não ter todas as disciplinas e não ter um ensinamento como os estudos

de série por vez”. A narradora demonstra sua felicidade de ter conseguido terminar seus estudos mesmo com a carência de alguns componentes curriculares.

Depois de compreendermos como foi o retorno das interlocutoras à escola e seus desafios enfrentados, questionamos: Quais as motivações e as expectativas com o estudo na Educação de Jovens e Adultos? E as respostas foram assim reveladas:

“Acredito que o meu desejo em retornar os estudos, essa minha motivação fez toda a diferença durante as etapas do curso, em 2007/2008, no Colégio Pedro Calmon. Devagarinho foi reacendendo um desejo adormecido. Em relação ao EJA percebia entre colegas, em alguns casos uma falta de interesse. Às vezes, provocada pelos próprios professores por não apresentarem conteúdos motivadores. Alguns professores entravam na sala de aula, apresentavam os conteúdos, mas nada de novo, nada criativo onde pudéssemos ser motivados para permanecer na sala de aula. Alguns estudantes eram atraídos a permanecerem na praça do bosque. Muitas vezes me perguntei: aprender isso para quê, onde vou utilizar essa fórmula ou essa informação?” (ROSA, 2021)

Mais uma vez aparece na fala de Rosa a falta de interesse de alguns de seus colegas no que se refere aos conteúdos ofertados, e o questionamento da utilidade dos saberes adquiridos, quanto à sua utilidade. A narrativa de Rosa é bastante provocadora e possibilita muitas indagações e problematizações acerca de várias dimensões da educação, principalmente as questões relacionadas ao currículo da EJA e o trabalho com os sujeitos da classe trabalhadora. Nesse aspecto, Freire contribui ao anunciar que:

O professor ou, mais amplamente, a escola deve não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os de classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, [...], discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p.31 – grifo nosso)

O respeito aos saberes trazidos pelos estudantes das classes populares é o primeiro aspecto apresentado por Paulo Freire (1996) para que possa iniciar o processo. Além disso, destaca como imprescindível fomentar discussões sobre a relação desses saberes com os conteúdos/temáticas trabalhados na escola. Este, talvez, seja o mote para que o processo ensino-aprendizagem na EJA seja mais significativo e possa alcançar os estudantes que já são dotados de saberes e que precisam articulá-los a novos conhecimentos trazidos pela escola no processo de mediação. Quando não se veem essa relação dos conteúdos ensinados com a vida prática das pessoas, a escola não é vista como uma instituição de transformação da vida humana, logo há desmotivação dos educandos por não perceberem a relação entre teoria e prática.

Tulipa (2021), ao ser questionada sobre as expectativas com o estudo na Educação de Jovens e Adultos, respondeu que: “No início só queria concluir o meu ensino médio, mas depois veio o sonho de ingressar em uma faculdade” (TULIPA, 2021). A narrativa de Tulipa (2021) nos autoriza a inferir que o estudo na EJA, de alguma forma, contribuiu para buscar novos espaços formativos e o ingresso no Ensino Superior. Já Dália (2021) revela: “Acredito que para quem tem desejo de terminar os estudos como eu tive o estudo de Jovens e Adultos é uma ótima expectativa para poder terminar o ensino médio, e poder dar início a uma carreira melhor”. Dália também entende que a EJA proporciona expectativa para ingresso em alguma carreira profissional, o que pode ser ingressar em uma instituição de ensino superior.

Nesta mesma perspectiva, para ampliar a compreensão sobre a contribuição da EJA na vida desses estudantes, no que tange a sua inserção em curso superior ou quaisquer outras áreas, foi preciso ouvir das colaboradoras se a modalidade da Educação de Jovens e Adultos contribuiu para a busca e acesso à Universidade, e obtivemos as seguintes respostas:

“De certa forma sim. No entanto, minha vivência na EJA me fez perceber que a grade curricular deixa muito a desejar em relação ao público alvo do qual se destina. Se o educando não se sentir estimulado, provocado, instigado a permanecer na sala de aula, com certeza haverá evasão escolar. Conforme o tempo ia passando foi surgindo dentro de mim uma força divina que me impulsionava seguir os meus objetivos. Comecei a idealizar, desejar cursar a universidade, mas, ao mesmo tempo, não me sentia capaz, acreditava que não iria conseguir ingressar, pois, meus conhecimentos eram pequenos em relação ao que observava entre os acadêmicos: pronúncias difíceis, rebuscadas de significados filosóficos”. (ROSA, 2021)

“Sim, porque comecei a observar que alguns jovens não queriam nada com os estudos e eu queria algo a mais, então fui em busca de um sonho que era a Universidade”. (TULIPA, 2021)

“Sim, minha convivência na EJA me fez desejar ir além do que uma conclusão de ensino médio, pude perceber que poderia ir a uma UFRB, só teria que ter força, foco e determinação”. (DÁLIA, 2021)

As três colaboradoras revelam que a EJA contribuiu na sua inserção na etapa da educação superior. Rosa (2021) denuncia uma visão negativa do currículo, contudo, sua insistência a levou a ter expectativas para acessar a Universidade. No entanto, ao ingressar no Ensino Superior destaca que teve dificuldade de compreender os termos acadêmicos, necessitando buscar se apropriar cotidianamente do letramento científico.

Tulipa aponta a falta de interesse desses jovens nos estudos, mas destaca a sua persistência em conseguir realizar seu sonho. Para Dália a partir dos seus estudos na Educação de Jovens e Adultos, lhe possibilitou chegar a Universidade. Este sonho realizado por Tulipa e Rosa, mesmo não aparecendo de forma explícita nas suas narrativas, pode ter forte influência

das políticas públicas de acesso e permanência ao Ensino Superior, da política de interiorização das Universidades Públicas Federais.

Com a democratização do acesso ao ensino superior no Brasil, a criação do Exame Nacional do Ensino Médio na década de 90, foi ampliando as possibilidades de estudantes pós ensino médio, ingressarem no ambiente acadêmico como fizeram as colaboradoras desta pesquisa. No ano de 2007, nesse viés da expansão, e interiorização da rede federal de educação superior foi criado o Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI, pelo decreto n° 6096/2007, o qual faz parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (BRASIL, 2007), assim ao terminarem a etapa média da educação, os estudantes tentam buscar as oportunidades de que existem para cursar o nível superior em faculdades/universidades.

As interlocutoras foram também questionadas sobre a sua inserção e permanência na Universidade, enquanto desafios enfrentados. Obtivemos as seguintes respostas:

“Particpei do ENEM em 2009, mas o meu ingresso na universidade foi no segundo semestre de 2010. Foi uma conquista muito difícil. Naquele momento estava disposta a encarar desafios que foram muitos. Tudo era novidade: os colegas, os professores, os teóricos, os textos, as indicações de leituras, entre outros. Eram muitas palavras que não conhecia, tantos termos diferentes do meu cotidiano que costumava anotar e procurar o significado no dicionário. Se eu não tinha o hábito de ler e não gostava de ler, na universidade era obrigada a ler. Tudo amenizou, suavizou quando foi apresentado para mim as leituras de Paulo Freire, sem dúvida uma fonte inspiradora. A partir daí percebi possibilidades de construir uma nova história de vida, mesmo estando tanto tempo afastada dos estudos” (ROSA, 2021).

“Assim que terminei o Ensino Médio na EJA, fui fazer o cursinho Universidade para todos, em seguida fiz o Enem. Fiquei na lista de espera para o curso de licenciatura em Pedagogia, daí então veio a grande notícia em ver meu nome sendo contemplado para a tão sonhada Universidade”. (TULIPA,2021)

“Terminei a EJA em 2019 e em 2019 eu fiz o ENEM, em 2020 eu ingressei na faculdade, foi uma conquista muito difícil e está sendo. Para mim é tudo novo, tudo diferente, mundo diferente, fala diferente. Está sendo um grande desafio em leituras de texto, conhecer as palavras. Nossa! Ler texto e compreender os textos está sendo um desafio muito grandes. Palavras que nunca vir nem ouvir. Ler os livros de Platão, da Republica. Meu Deus! Está sendo muito difícil. Imagine uma pessoa que nunca estudou Filosofia e está cursando Filosofia sem saber por onde começar, tantos livros, tanto texto que às vezes eu não sei nem quem eu sou, fico perdida, sem saber de nada e sem entender”. (DÁLIA, 2021)

Histórias marcantes, trajetórias diferentes, mas que se fundem em um mesmo ponto de partida: o sonho de ter o direito de entrar no espaço acadêmico e concluir. Rosa relata as

dificuldades desse percurso: não conseguia compreender bem os textos acadêmicos. Esta também foi a dificuldade de Dália e, possivelmente, a de Tulipa. Rosa fala também que tudo passou a fazer sentido quando a ela foi apresentada as leituras de Paulo Freire, uma inspiração de vida. Esse seu “encontro” com o autor lhe possibilitou construir uma nova história. Sabe-se que o legado desse grande mestre busca inserir o sujeito como protagonista da construção de sua história, do pensar a existência criticamente, do ser mais, do empoderamento no comprometimento pela a luta emancipatória. Para Freire:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (FREIRE, 1987, p.50)

Por meio desse “encontro” com os textos do autor, Rosa foi transformando seu mundo, se engajando no processo de luta, de superação e adquirindo encorajamento para continuar com seus estudos acreditando que seria possível pronunciar o mundo, problematizá-lo, na sua dinâmica da vida.

Para entender esse acesso ao ensino superior, que podemos considerar uma conquista pelo seu direito subjetivo de estudar, mas, também, de continuidade de estudo no universo acadêmico, que é mais um direito de acesso e sua permanência nessa etapa superior, cabe as palavras de Almeida Neto, quando diz:

O processo de democratização compreende reverter o quadro no qual ir à universidade é opção reservada às elites. A definição de um projeto para a educação superior deve entender esta como bem público, destinada a todos indistintamente, inserida no campo dos direitos sociais básicos, tratada como prioridade da sociedade brasileira, sendo que a universidade deve ser a expressão de uma sociedade democrática e multicultural, em que se cultiva a liberdade, a solidariedade e o respeito às diferenças. (NETO, 2013, p.50)

A democratização, nas palavras do autor, reverte um imaginário social de que a universidade é um lugar para a elite. Ela é, sobretudo, um bem público, como parte dos direitos sociais básicos, que se amplia esse direito de estudar a todos os sujeitos independentes da classe social, cultura ou condição socioeconômica, o cultivo da liberdade, solidariedade e respeito às diferenças.

Sobre a visão social dos professores com estudantes egressos da EJA que entram na Universidade e se essas egressas perceberam alguma discriminação, por terem sido oriundas dessa modalidade no ambiente acadêmico, as colaboradoras assim narraram:

“Nesse sentido, creio que não. Convivi com professores “humanos”, outros nem tanto. Alguns cobravam demais sem dar chance ao estudante de se expressar sobre algo que estavam passando. Isso acontece em qualquer profissão, é uma questão de se colocar no lugar da outra pessoa. Sinto saudades de professores que marcaram positivamente minha formação, exemplos de compromisso e dedicação” (ROSA, 2021).

“Não, em momento algum eu fui discriminada pelo os professores, tenho admiração por todos, eu senti dificuldades nas leituras dos textos acadêmicos, e nas apresentações dos seminários, pois na EJA o ensino é um resumo e só ensina o básico, mas cabe a cada um se dedicar o máximo que consegue se adaptando”. (TULIPA, 2021)

“Nesse sentido acho que não, não dá para perceber, apesar de estudar online os professores que procuram saber da minha história falam que estão felizes por eu ter vindo da EJA e está na Universidade e me orienta o que fazer”. (DÁLIA, 2021)

As interlocutoras afirmam que não foram discriminadas. Rosa fala sobre alguns professores e sua forma de mediar à docência nesse espaço, enquanto que Tulipa, fala da dificuldade de leitura dos textos acadêmicos, Dália ressalta que seus professores têm interesse pela sua história de vida, sentem-se felizes desse rito de passagem, EJA/ Universidade. Na condição de universitárias, elas vivenciam tempos de desafios, de lutas, dificuldades, mas também de alegrias, motivadas pelo desejo de uma profissão. Nesse sentido, questionamos sobre o que pretendem fazer quando concluírem seu curso, quais as suas expectativas futuras.

“Finalizei o curso no ano de 2016. Na ocasião até pensei em cursar uma pós, um mestrado. Já não sinto mais essa vontade, passou [...] Sendo assim, o que aprendi na universidade e minhas experiências de vida já está de bom tamanho para ensinar/aprender e trocar saberes. As minhas expectativas futuras, firmar a cada dia mais a minha fé em Deus provedor de todas as coisas, me aposentar do trabalho formal e me dedicar totalmente no serviço voluntariado do Ponto de Leitura Urbis II, contribuindo positivamente na vida das crianças e comunidade”. (ROSA,2021).

“Sou concursada em Mutuípe e agora estou atuando como professora em Amargosa, já fiz uma pós-graduação e estou terminando a segunda”. (TULIPA, 2021)

“Pretendo me tornar uma boa educadora e se for da vontade de Deus, ter sucesso na carreira docente”. (DÁLIA, 2021)

A colaboradora Rosa, em sua narrativa, destaca a aquisição do conhecimento enquanto saber que não deve ser para si, mas que deve servir na vida de alguém. Essa relação de troca de experiências se insere no ato de aprender e de ensinar, como bem defende Freire:

O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo,

relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações. (FREIRE, 2006, p.36)

Assim, nessa troca de saberes, Rosa vai se constituindo nessa relação de transformação, fala também da renúncia de muitas coisas. Quando se assume um compromisso acadêmico, se coloca nessa dimensão humana do saber de socializar seus conhecimentos com as pessoas e adquirir novos aprendizados, e da sua dedicação ao trabalho voluntário que realiza no Ponto de Leitura. Em um bairro da cidade de Amargosa, ela pretende se dedicar, totalmente nesse projeto voluntário, onde são realizadas, oficinas de leituras e trabalhos voltados a alfabetização de crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar as considerações deste trabalho, vem à memória todo o processo formativo e investigativo e os desafios vivenciados ao longo da trajetória.

Nesse sentido, esta pesquisa buscou responder a seguinte questão: até que ponto as trajetórias sociais/acadêmicas de egressos/as do ensino médio da EJA influenciaram na inserção ao Ensino superior? Diante das leituras e reflexões, somadas as análises realizadas a partir das narrativas das colaboradoras da pesquisa foi possível compreender que diante da negação do direito a tantas mulheres e homens, e principalmente da classe trabalhadora, é necessário que os sujeitos tenham a oportunidade de retornarem à escola, de sentirem-se pertencentes a este lugar, de maneira que possam aprender com qualidade, contribuindo assim para uma sociedade mais justa.

Assim, os dados produzidos neste estudo possibilitaram compreender que as trajetórias sociais de estudantes egressas da EJA que estão no Ensino Superior, são marcadas por muitas lutas, negações de direitos, mas, sobretudo, por superações. Assim, por vezes não conseguiram permanecer na escola, desejando assim retornar; percebem a importância da educação formal e o sonho de melhorar de vida.

Além disso, os dados permitiram verificar que a modalidade da EJA contribuiu na busca pelo acesso à Universidade. Neste sentido, percebemos a importância de oportunizar através do ENEM, que os sujeitos possam ter acesso ao ensino superior e ter uma valorização profissional.

Os resultados evidenciados neste estudo nos autorizam afirmar que os sujeitos da EJA têm em sua trajetória muitas dificuldades e, por conta disso, muitas vezes não conseguiram permanecer na escola, desejando retornar, pois percebem a importância da educação formal e o sonho de melhorar de vida.

As egressas da EJA, colaboradoras da pesquisa, destacaram nas suas narrativas, diversos desafios que buscaram e buscam superar cotidianamente. Todos estes desafios, seja para permanecer estudando, conciliar sua rotina com o trabalho ou ainda por questões socioeconômicas, familiares entre outras, influenciam negativamente a continuidade da sua escolarização.

Portanto, este estudo possibilitou compreender que é possível com muita luta a inserção de sujeitos oriundos da EJA na Universidade e apontou questões para a continuidade em pesquisas posteriores, como, por exemplo: como os sujeitos egressos da EJA, que acessam a

Educação superior podem ter condições de vivenciar o ambiente acadêmico no que se refere ao processo de adaptação à universidade e aos seus desafios?

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para que mulheres e homens que tiveram seu sonho de estudar negado possam lutar por seus direitos e se apropriar de uma educação superior pública, gratuita e qualificada.

Nesse estudo nos debruçamos sobre as histórias de vidas de mulheres egressas da EJA que tiveram o sonho realizado de chegar ao ensino superior vivenciando uma luta árdua nesse processo escolar/acadêmico. Vale destacar que duas delas já concluíram o curso de Pedagogia e uma está cursando Filosofia. Espera-se que estas egressas conquistem a vida profissional que sempre almejaram e possam ser referência de persistência na busca por justiça social, políticas públicas e uma educação cada vez mais qualificada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA NETO, A. M. de. A expansão e a persistência das desigualdades no sistema de ensino superior brasileiro. In: FAHEL, M., et. al. (Org.). **Desigualdades educacionais e pobreza**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2013, p. 49-68.

ALVES MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos estudos de caso. In: **Cadernos de Pesquisa**, v.36, n.129, p.637-651, set./dez. 2006.

ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber livro, 2005.

ANTUNES, Â.; et. al. (Org.). **EaD freiriana [livro eletrônico]: artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso A escola dos meus sonhos**, ministrado pelo professor Moacir Gadotti. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2018.

ARROYO, Miguel G. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? In: REVEJ@ - **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007. Disponível em: <http://mariaellytcc.pbworks.com/f/REVEJ@_0_MiguelArroyo.pdf> Acesso em: 18 de set. 2020.

_____. **Passageiros da noite: do trabalho para EJA: itinerários pelo direito a vida justa**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017.

BAHIA. **EJA. Educação de Jovens e Adultos**. Aprendizagem ao longo da Vida. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Política de EJA da Rede Estadual, BAHIA, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, A. da S. X. **Expansão de Educação Superior no Brasil: Limites e possibilidades**. Educ. Soc. Campinas, v. 36, n.131, p.361-390, abr.-jun.2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v36n131/1678-4626-es-36-131-0036.pdf>> Acesso em: 01 jun. 2021.

BERNARDIM, M. L. **Da escolaridade tardia à educação necessária: estudo das contradições na EJA em Guarapuava-Pr**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

_____. **Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007**. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

_____. Educação e Trabalho na perspectiva de egressos do ensino médio e estudantes universitários. In: **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 1, p. 200-217, jan./abr. 2013.

BISINELLA, P. B. G. **Trajetórias de egressos da EJA na transição para o ensino superior: Um estudo a partir do PROUNI**. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul-SC, 2016.

Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/handle/11338/1982>> Acesso em 17/09/2020>
Acesso em: 17 ago. 2021.

BRASIL. **Decreto n. 5.159, de 28 de julho de 2004.** Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções Gratificadas do Ministério da Educação, e dá outras providências. Presidência da República. Secretária-geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, 28 jul. 2004.

BRASIL. **Instituto Nacional Brasileiro de Geografia e Estatística.** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2009. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Secretaria de Alfabetização. PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização. Brasília: MEC, SEALF, 2018.

BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 03 de dez. 2011.

CATELLI JR., Roberto. Lugar da EJA na BNCC: O não lugar da Educação de Jovens e Adultos na BNCC (10 jun. 2019). Artigo publicado no Blog **Falando de Educação**. Disponível em <<https://profemarli.com/lugar-da-eja-na-bncc>> Acesso em set. 2020.

DÁLIA. Depoimento [mai. 2021]. Entrevistadora: Manoela Soares. Amargosa-BA: Centro de Formação de Professores-CFP, 2021. Questionário impresso (10 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a transição das estudantes da EJA para a Universidade.
DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Hand book of qualitativeresearch*. London: Sage Publication, 1994.

DIAS, A. de S. **Mulheres Egressas da EJA na Universidade:** Entre Intempéries, sonhos possíveis e inéditos viáveis. Ago. Nova 2016. Vol. 11. p. 444-467. Blumenau. 2016. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdespesquisa/article/view/5435>> Acesso em: 10 de jan. 2021.

FONSECA, M. C. F. R. **Educação Matemática de Jovens e Adultos:** Especificidades, desafios e contribuições. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de Conteúdo.** Brasília: Líber Livro, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. Autores Associados. São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, A. Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999. In: **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresa**. São Paulo, v. 35, 2: 57-63.

HADDAD, S.; DI PIERRO, C. Maria. **Escolarização de Jovens e Adultos**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07>> Acesso em: 18 de set. 2020.

IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2016-2019. **Nota**: As diferenças entre 2018 e 2019 e entre 2016 e 2019 são significativas ao nível de confiança de 95%, para todas as categorias.

JESUS, C. Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1960.

LDB. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 11 de set. 2020.

LEITE, S. F. **O direito à educação básica para jovens e adultos da modalidade EJA no Brasil: resgate histórico e legal**. 2013. 352 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação UNICAMP. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2013.

PRICE, J. M. **A Pedagogia de Jesus**: o Mestre Por Excelência. Trad. Rev. W. W. Wey. Rio de Janeiro-RJ: JUERP, 1980.

ROSA. Depoimento [mai. 2021]. Entrevistadora: Manoela Soares. Amargosa-BA: Centro de Formação de Professores-CFP, 2021. Questionário impresso (10 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a transição das estudantes da EJA para a Universidade.

SANTOS, J. dos; FERREIRA, R. A.; GARCIA, R. P. M. Acesso ao Ensino Superior na UFRB: A Identificação Étnica e a renda familiar dos estudantes em diferentes mecanismos de Ingresso. In: **XIII Colóquio de Gestão Universitária em Américas**: Rendimentos acadêmicos y eficacia social de la Universidad. Anais do Colóquio. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle>> Acesso em: 10 jan. 2021.

SANTOS, Izequias E. dos. **Textos Selecionados de métodos e técnicas da pesquisa Científica**. Niterói-RJ: Edição do autor, 1997. p.58.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TULIPA. Depoimento [abr. 2021]. Entrevistadora: Manoela Soares. Amargosa-BA: Centro de Formação de Professores-CFP, 2021. Questionário impresso (10 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a transição das estudantes da EJA para a Universidade.

YIN, R. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-370, maio/ago. 2006.

APÊNDICE A
TERMO DE CONSENTIMENTO
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES –CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados (as):

Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: Da EJA à Universidade: Trajetórias Sociais e Acadêmicas de Egressas do Ensino Médio da EJA em Amargosa-Bahia, de minha responsabilidade, Manoela Soares Gomes Figueiredo graduando (a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral compreender até que ponto as trajetórias sociais/acadêmicas de egressos/as do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) influenciaram na inserção ao Ensino Superior. O (s) procedimento (s) adotado (s) ser (ão) através de questionário aberto. A qualquer momento, os colaboradores poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não. Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da monografia, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

Aceite de Participação voluntária

Nós abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Aceite e desistirmos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Amargosa - Bahia, _____ de 2021.

 Graduanda

Colaboradores Voluntários

NOME	ASSINATURA

APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAHIA CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Título da Pesquisa: DA EJA À UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS SOCIAIS E ACADÊMICAS DE EGRESSAS DO ENSINO MÉDIO DA EJA EM AMARGOSA-BAHIA

Pesquisadora: Manoela Soares Gomes Figueiredo
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Eurácia Barreto de Andrade

QUESTIONÁRIO ABERTO

IDENTIFICAÇÃO DO PERFIL DAS ESTUDANTES

Nome Completo: _____ Idade: _____
 Estado civil: _____ Cor _____
 Religião: _____ Profissão/ocupação _____
 Tem filhos? Se sim, quantos? _____

DADOS SOBRE AS TRAJETÓRIAS DAS COLABORADORAS

Fale um pouco sobre a sua trajetória. Como foi? Quais os momentos que mais marcaram sua Escolarização?

Quais os motivos da sua não linearidade no seu processo de escolarização? (Começou estudar, desistiu e retomou os estudos).

Como foi marcada a sua experiência escolar antes da inserção na EJA?

Você acha que por ser mulher dificultou ou não o processo de escolarização? Por quê?

DADOS SOBRE A INFLUÊNCIA DA EJA PARA INSERÇÃO NA UNIVERSIDADE

Como foi o seu retorno a escola da EJA? Quais as maiores dificuldades encontradas?

Quais as motivações, expectativas com o estudo na Educação de Jovens e Adultos?

A modalidade da Educação de Jovens e Adultos contribuiu para a busca e acesso à Universidade? Por quê?

Fale um pouco sobre a sua inserção e permanência na Universidade... Quais os desafios enfrentados?

Fale um pouco sobre a visão social dos professores com alunos egressos da EJA, que entram na Universidade. Você percebeu alguma discriminação por ter sido oriunda dessa modalidade no ambiente acadêmico? Por quê?

O que pretende fazer quando concluir seu curso? Quais as suas expectativas futuras?

Muito obrigada pela colaboração nesta pesquisa!